

O PROTAGONISTA

FSA.COM.BR

além do

palanque

As histórias de José Ronaldo

CONSÓRCIO DE VIDEOCASSETE PARA
BANCAR CAMPANHA DE VEREADOR **PÁG.20**

SE PERDEU NA CIDADE QUE
UM DIA GOVERNARIA **PÁG.33**

LOCUTOR DE CINEMA QUE ERROU
O TÍTULO DO FILME **PÁG.23**

COMEDORES OFICIAIS
DE CARUARU **PÁG.22**

ENCONTRO COM ZICO E O SONHO
DE JUVENTUDE REALIZADO **PÁG.34**

**LINHA DO
 TEMPO**

das Inovações



Shopping Riomar

1989 — Aracaju (SE)



Primeiro shopping da cidade de Aracaju. Em 1989, inauguramos o primeiro shopping center da cidade, marco de modernidade para Sergipe, fruto de uma parceria público-privada pioneira.



Boulevard Feira de Santana
 1999 — Feira de Santana (BA)

Primeiro shopping regional do interior de Bahia (o primeiro a incluir um outdoor). Em 1999, inauguramos o primeiro shopping regional do interior de Bahia e pioneiro Brasil a incluir um estacionamento outdoor.

Edifício Multiplace
 2011 — Feira de Santana (BA)



Empreendimento do Ano pela ADEM — pioneiro no uso de catracas elétricas. Primeiro empreendimento totalmente escalado a um shopping center no Norte, Nordeste e Centro-Oeste.



Condomínio Greenville
 2008 — Feira de Santana (BA)

Primeiro condomínio de lotes fechados da cidade. Em 2008, inauguramos o primeiro condomínio de casas fechadas em Feira de Santana com colunas, áreas comuns, piscinas e mobiliário.

Edifício Paul Cezanne
 2003 — Salvador (BA)

Primeiro prédio residencial do Estado de Bahia a utilizar energia solar. Em 2003, inauguramos o primeiro prédio residencial de Bahia com uso de energia solar.



Edifício Premier Feira Medical & Business

2012 — Feira de Santana (BA)

Primeiro centro médico e empresarial com elevador de marca de Feira de Santana.



Sant'ana Flex
 2013 — Feira de Santana (BA)

Primeiro empreendimento compacto (quarto e sala) da cidade. Inclui academia, mobiliário e lavanderia compartilhada — diferenciais inéditos na época.

Shopping Boulevard Camaçari
 2015 — Camaçari (BA)

Primeiro shopping de região metropolitana de Salvador a utilizar tecnologia BIM. Empreendimento fora do padrão, pensado com tecnologia BIM que melhorou a eficiência e reduziu desperdícios.



Boulevard Residence

2024 — Feira de Santana (BA)

Primeiro residencial do Brasil junto a um shopping center. Construído em um edificação de shopping, em parceria com a Allá Empreendimentos. Pioneiro em Feira ao adotar fachada verde.



Edifício Palácio de Buckingham
 2019 — Feira de Santana (BA)

Primeiro prédio residencial do Edifício Loto no Interior do Nordeste. Durante a obra, foi pioneiro a utilizar tecnologia BIM para o gerenciamento de obras digitais.



EXPEDIENTE

Diretor responsável:

Augusto Ferreira

Editor:

Jornalista Augusto Ferreira

Reportagens:

Augusto Ferreira e Ordachson Gonçalves

Departamento Comercial:

Ellel Paiva Pitombo

Foto da capa:

Inteligência Artificial (IA)

Fotos:

Arquivo pessoal e imagens geradas de Inteligência Artificial

Distribuição gratuita

Fevereiro de 2026

75 991723539

gutto23@hotmail.com

Leia a versão ebook com reportagens extras e inéditas através do link:

<https://revista.oprotagonistafsa.com.br/>

ou acesse pelo QR Code



A vida virou história

Histórias marcantes de um trabalho constante!

Abra a página, leitor atento,
Que o sertão vai lhe chamar,
Não é número nem discurso
O que aqui vai encontrar,
É vida virando história
Que a Bahia conhecerá.

Você vai entrar numa tarde
De terça, às quatro em ponto,
Ver um jovem com sua mala
Chegar sem mapa nem conto,
E entender como um instante
Pode mudar todo o pranto.

Vai pisar nos bastidores,
Onde a política é chão,
Máquina, hospital, Surfeira,
Nome a nome, mão na mão,
Aprender que governar
É, primeiro, ser coração.

Vai sentir queda e coragem,
Fé nas noites sem dormir,
Portas fechadas, silêncios

Que ensinaram resistir,
E vitórias que só nascem
Pra quem não foge de ir.

Este cordel é convite,
Não resumo nem final:
Mergulhe fundo nessa vida
Que virou coisa municipal,
Pois antes do homem público
Há um destino pessoal.

O Protagonista lhe entrega
Esta revista em devoção,
Homenagem a José Ronaldo,
Gigante da política do sertão,
Um dos maiores nomes vivos
Do interior da Bahia em ação.

Por: Ordachson Gonçalves



FEIRA DE SANTANA - BA

BA

16:00

A chegada de José Ronaldo a Feira de Santana

Uma chegada improvável, um adolescente só e o começo de uma vida que nunca mais saiu de Feira de Santana

Terça-feira, 16h. Um horário que, para a maioria das pessoas, não significa absolutamente nada. Mas para José Ronaldo de Carvalho — 17 anos recém-completos, uma mala arrumada às pressas e nenhuma certeza além da coragem — marcaria o início de uma vida inteira.

A Rural Willys estacionou sob o sol seco do sertão baiano como quem interrompe o roteiro e impõe outro. E foi assim, sem aviso prévio nem planejamento algum, que o adolescente de Paripiranga caiu dentro de Feira de Santana e nunca mais saiu.

O relógio marcava quatro da tarde quando ele desembarcou em Feira de Santana. Era o início da construção de uma história que ele não imaginaria nem nos seus melhores sonhos.

No dia seguinte, às oito da manhã, estava sentado diante

de uma máquina de escrever na Secretaria de Finanças da Prefeitura. Não tinha noção de que aquele pequeno emprego deixaria, décadas depois, uma marca profunda na política feirense. Talvez porque, àquela altura, ele nem pensasse em política. "Eu não comecei na política, né? Eu comecei muito cedo", costuma repetir, como se o próprio passado exigisse esse tipo de ressalva.

Nos primeiros dias ficou hospedado na casa do padrinho Faustino Dias Lima. Mas, mesmo muito jovem, José Ronaldo já tinha um bom senso que lhe fez buscar seu próprio teto.

abrigo numa pensão modesta administrada por uma conterrânea de Cícero Dantas. O aluguel incluía cama, comida e roupa lavada. O salário do estágio — obtido por acaso e por apadrinhamento — pagava exatamente o valor da pensão, numa equação tão justa quanto precária. "Era

dinheiro certinho”, ele lembra. Nada sobrava. Mas, para quem chegara com pouco mais do que uma mala improvisada, aquilo era o suficiente.

Antes de desembarcar naquele mundo novo, Ronaldo tinha atravessado a infância em Paripiranga com uma disciplina quase militar. Jogava bola todos os dias, segundo ele mesmo, “muito mal”, mas com a insistência de quem sabia que, no sertão, perseverar é mais importante que ser bom. Estudava com regularidade e, como muitos sertanejos de sua geração, começou tarde: só entrou na escola aos sete anos e meio, idade limite imposta pelo sistema escolar. Havia uma matemática rígida no destino das crianças: se nasceu em julho, como ele, só pisa na sala de aula no ano seguinte.

Cresceu admirando os primos mais velhos, que voltavam de Salvador para as férias carregando o glamour da capital: estudantes de Engenharia, recém-urbanizados, uma espécie de aristocracia acadêmica do interior. “Poxa, eu vou estudar para ser igual a esses caras”, dizia o menino que ainda não sabia o que seria, mas sabia o que não queria deixar de ser: estudante.

A falta de ginásio em Paripiranga obrigou a primeira ruptura. Foi entregue aos tios em Cícero Dantas — “dois tios maravilhosos”, como ele insiste, talvez tentando fixar na memória afetiva o marco de autonomia. Ali, descobriu o ginásio fundado por Monsenhor Renato de Andrade Galvão — personagem que mais tarde deixaria também suas marcas em Feira de Santana, numa dessas ironias discretas da história.

E, claro, descobriu o trabalho. Com 12 anos, acordava às cinco da manhã — não por virtude, mas pelo método brusco do tio, especialista em puxar o calcanhar do adolescente adormecido. A rotina era simples: padaria de manhã, escola à tarde, e o futebol que servia tanto de lazer quanto de fuga. Nada nisso parecia anunciar quatro mandatos de prefeito, mas a vida raramente dá sinais antecipados.

O segundo corte acontece numa tarde qualquer, durante as férias. A padaria estava quieta, o tio cochilava, e o adolescente dividia com ele uma conversa sobre o futuro — estudar onde? Fazer o segundo grau onde? Salvador era a opção mais clara. “Você tem força pra isso?”, perguntou o tio, no tom paternalista de quem testava a coragem antes da decisão.

Foi quando a Rural Willys entrou em cena, como uma dessas entradas cinematográficas que só fazem sentido depois.

De dentro dela desceu Faustino Dias Lima, auditor fiscal, secretário de Finanças em Feira e personagem crucial na vida que se desenrolaria dali em diante. O diálogo, recontado milhares de vezes, é sempre o mesmo:

- Se ele quiser ir para Feira de Santana, eu levo agora.
- Agora?
- Agora.

Dito isso, o adolescente saiu correndo pela rua para arrumar a mala, jogou roupas aleatórias dentro do que encontrou e embarcou. Nenhum ritual, nenhuma despedida. Apenas um deslocamento repentino — e irreversível.

A primeira casa em Feira ficava na Rua Aloísio Rezende, na Queimadinha, onde Faustino o hospedou por oito dias. Depois, a pensão na Monsenhor Renato Galvão, onde aprenderia o valor exato do próprio salário e, mais tarde, o valor metafórico de chegar sozinho a um lugar desconhecido.

No segundo dia, começou a trabalhar. Datilógrafo. A função dizia pouco sobre o futuro, mas dizia muito sobre o começo: um jovem anônimo, cumpridor, disciplinado, ocupando o lugar mais baixo da cadeia administrativa de uma prefeitura que ainda não sabia que abrigaria ali um de seus maiores personagens políticos.

É curioso pensar que tudo isso começou numa terça-feira comum, às 16h, sem cerimônia ou clareza. Talvez seja esse o segredo das vidas que dão certo: não começam com pompa, começam com passos apressados, malas mal arrumadas e um impulso que ninguém sabe explicar.

O adolescente que chegou sozinho naquela tarde ainda não tinha se tornado administrador, deputado, prefeito, candidato a governador. Não existia José Ronaldo, figura pública, político profissional, personagem central de Feira de Santana. Havia apenas Ronaldo, 17 anos, uma pensão barata, um salário justo e uma cidade que, sem saber, acabava de ganhar um morador definitivo.

E tudo isso começou numa terça-feira, às quatro da tarde — horário aparentemente neutro, mas que, no fim das contas, decidiu uma vida inteira.

O início da vida adulta; cartas para a mãe

Como um adolescente de 17 anos, recém-chegado a Feira de Santana, foi empurrado da datilografia à chefia de pessoal — e descobriu que estabilidade era um luxo que se pagava com disciplina, trabalho e cartas da mãe

Quatro ou cinco meses depois de sua chegada a Feira de Santana, José Ronaldo ainda era um rapaz franzino de 17 anos — “e alguns meses”, como gosta de especificar, sempre dando a entender que estava quase, mas não totalmente, autorizado pela vida a ser adulto. Datilografava na Secretaria de Finanças, uma repartição onde ninguém tinha pressa, exceto ele. A geladeira vazia da pensão era seu relógio biológico: cada tecla

batida tinha o som de um prato de comida garantido no final do mês.

Foi nesse contexto que Faustino Dias Lima — o mesmo auditor fiscal que o arrancara da padaria de Cicero Dantas e o depositara na administração feirense — apareceu com o anúncio que mudaria tudo:

— Vou tirar você daqui. Vou botar você num lugar melhor.

Ronaldo ficou em suspensão. Melhor, como? Melhor para quem?



— Na Surfeira, disse Faustino. O governo está criando a autarquia. Lá assina carteira. Aqui, não assina nada.

Assinar a carteira significava existir oficialmente. Significava, sobretudo, aposentadoria — um conceito distante para quem não completara 18 anos, mas que chegava embalado em promessas de seriedade adulta.

Faustino continuou, explicando-lhe a vantagem com a paciência de um tutor que observa o pupilo diante de um mapa da vida:

— Vai contar tempo pra aposentadoria. Aqui você é só um menino batendo máquina. Lá você vira funcionário.

E assim, sem liturgia, sem discurso, sem nada além de uma ordem paternal, Ronaldo foi parar na Surfeira, a autarquia responsável por obras, manutenções e reformas da cidade — uma espécie de braço muscular da Prefeitura. Se hoje empresas terceirizadas fazem tudo, naquela época era a própria máquina pública que erguia e consertava o que houvesse para ser erguido e consertado.

Entrou como auxiliar no setor de pessoal. E é ali, segundo ele, que “as coisas começam a acontecer”.

SALÁRIO MÍNIMO, DONA LÍDIA E O RITUAL DO PAGAMENTO

O salário — um mínimo magro — ele recebia em espécie. O dinheiro saía do envelope como quem sai de uma gaiola e caminhava direto para a mão de Dona Lídia, dona da pensão onde vivia.

— Eu não ficava com um tostão, lembra.

Quando ele fala dela, o tom não é de gratidão apenas, mas de uma espécie de reverência: era ela quem garantia três refeições, cama e roupa lavada. Era, portanto, metade do orçamento e toda a sobrevivência.

Ronaldo vivia sem dinheiro nenhum. A mãe, em Paripiranga, não sabia disso. E escrevia cartas enviadas pelo motorista do ônibus. As cartas chegavam dobradas, manuseadas por mil mãos, com a caligrafia materna pergunta:

— Meu filho, como é que estão as coisas? Está tudo bem? Precisa de um dinheirinho?

Ronaldo respondia sempre pela mesma rota — carta entregue ao motorista:

— Está tudo ótimo, minha mãe. Estou ganhando bem.

Era mentira. Só oito ou nove meses depois, ele reconheceria o quanto precisou repetir essa mentira para protegê-la. “Eu estava duro, sem um tostão no bolso”, diz.

A GUINADA — DE AUXILIAR A DIRETOR

O destino, que já vinha surpreendendo o jovem, decidiu acelerar o ritmo. Surgiu uma oportunidade na Surfeira — e Ronaldo foi promovido a chefe do setor de pessoal aos 19 anos.

Quem o nomeou foi Juraci Dórea Falcão, arquiteto conhecido na cidade, sócio de Everaldo Cerqueira, respeitado pelas plantas, pelos projetos e pelo caráter. “Um homem de bem”, Ronaldo repete, como quem sela um contrato com a memória.

O salto financeiro foi brutal: de um salário mínimo para algo equivalente a quatro ou cinco salários mínimos atuais.

— Aí, meu amigo, era uma maravilha, ele conta, com o brilho nostálgico de quem recorda o primeiro luxo. Vê se como era bom, rapaz, receber esse dinheiro no final do mês!

Foi nesse momento que a economia simbólica do jovem se inverteu. Os amigos que antes o carregavam para os programas — pagando refrigerante, pastel, transporte — agora eram convidados por ele. A sensação de ascensão social chegava em goles:

— Aí não faltava o dinheiro pra pagar a cervejinha no final de semana.

O dinheiro novo também serviu para algo mais profundo: libertar a mãe das preocupações. Agora ele podia, enfim, escrever à roça dizendo que estava tudo bem — e desta vez não era mentira.

A AUTARQUIA COMO ESCOLA

A Surfeira, naquela época, era um microcosmo da administração municipal: improviso, camaradagem, desconhecimento técnico misturado com boa vontade, homens que fumavam enquanto discutiam vigas e valas, mulheres que datilografavam durante horas sem levantar os olhos.

Ronaldo, ainda adolescente, assumiu o comando de um setor onde transitavam folhas de pagamento, cargos, admissões, licenças e todo tipo de papelada capaz de envelhecer a alma de um jovem. Mas nele, o efeito foi o oposto: a Surfeira

funcionou como sua escola política, ainda que ele não soubesse isso na época.

Muito antes de sonhar que seria vereador, deputado ou prefeito, ele descobriu ali como a máquina pública se move: devagar, mas inevitavelmente; torta, mas sobrevivente.

UM DIRETOR DE 19 ANOS E A CIDADE AO REDOR

Quando foi promovido, Ronaldo ainda não tinha completado 20 anos. Era, tecnicamente, um menino dirigindo uma engrenagem adulta.

Mas ninguém parecia notar. Ou se notavam, não diziam.

A cidade crescia. Feira de Santana expandia avenidas, asfaltava ruas, reformava praças. A Surfeira tocava as obras que fariam a cidade urbana que hoje se conhece.

Enquanto isso, o jovem diretor saía da pensão como quem veste uma função maior do que si mesmo: camisa apertada, calça passada com cheiro de goma, medo de errar, coragem de tentar — e uma xícara de café ralo segurada na mão, antes de descer para o trabalho.

**FEIRA NOS
MOLDA.
O NORDESTE
NOS CHAMA.**

NOSSAS RAÍZES PROFUNDAS NA PRINCESINHA DO SERTÃO NOS LEVAM CADA VEZ MAIS LONGE. SEGUIMOS O FLUXO DOS ENTRONCAMENTOS QUE CONECTAM ESTRADAS, UNEM DESTINOS E CRIAM OPORTUNIDADES. DESDE 1961, QUANDO O SONHO COMEÇOU. HOJE, SOMOS 19 LOJAS EM 5 ESTADOS QUE ESPALHAM ENERGIA, MOVIMENTO E PAIXÃO EM CADA CANTO. SOMOS DA TERRA QUE PULSA NO PEITO, DA ENERGIA QUE CORRE NAS VEIAS. E SEGUIMOS — SEMPRE MAIS LONGE — COM ORGULHO DO QUE SOMOS. E, SOBRETUDO, DE ONDE SOMOS.



Quase virou vereador por acidente



A história política de José Ronaldo de Carvalho, hoje um dos personagens mais longevos e influentes da política baiana, não começou em palanques, discursos inflamados ou acordos partidários. Curiosamente, começou em uma mesa simples de madeira, no setor de pessoal da antiga Surfeira, a autarquia municipal responsável pelas obras públicas de Feira de Santana nos anos 1970. Ali, cercado por apontadores, folhas de pagamento feitas à mão e envelopes de dinheiro, o jovem funcionário de 19 anos descobria, sem saber, o que mais tarde viraria seu primeiro capital político: a proximidade humana.

No setor de pessoal, o trabalho era meticuloso. Os apontadores — figuras quase folclóricas de uma época pré-digital — percorriam as obras da cidade verificando

presença, hora extra e faltas. Eram eles que traziam ao departamento a matéria-prima que definiria a vida financeira de centenas de operários. Mas era José Ronaldo quem transformava aqueles rabiscos em salário.

Na sexta-feira, no momento mais esperado da semana, era ele quem entregava o dinheiro a cada trabalhador. Eles assinavam a folha ao seu lado. Ele chamava cada um pelo nome. E isso fez toda diferença.

“Eu sabia o nome de todo mundo. Duzentos, trezentos... não importa. Eu decorava tudo”, recorda ele, numa memória que atravessa décadas.

O laço começou ali. Primeiro profissional. Depois pessoal. Em

pouco tempo, os trabalhadores da Surfeira não apenas reconheciam o rapaz — eles confiavam nele.

As noites com Faustino e João Durval

A convivência com políticos experientes começou de modo quase casual. Todas as noites, Faustino — figura central da política feirense — estacionava o carro na porta da pensão e chamava o jovem Ronaldo para rodar a cidade, conversando sobre tudo e sobre nada.

Às vezes, João Durval, então prefeito, estava no banco de trás.

A intimidade com os dois se aprofundou de forma inesperada. Naquela época, Zé Ronaldo não imaginava, nem por um segundo, que algum dia disputaria um cargo eletivo. Era apenas o funcionário responsável pelas folhas de pagamento e relações humanas da autarquia. Mas ouvir aquelas conversas — quase aulas políticas itinerantes — moldou, silenciosamente, seu olhar.

Ele estava, sem perceber, sendo introduzido ao centro nervoso do poder local.

O primeiro convite eleitoral

Quando Newton da Costa Falcão venceu a eleição para prefeito, veio o primeiro episódio realmente determinante. O diretor da Surfeira levou José Ronaldo ao gabinete para apresentar-lhe como indicação para o cargo de diretor da autarquia.

O prefeito observou o jovem cabeludo à sua frente — o Ronaldo dos longos fios que ele ainda hoje considera bonitos — e perguntou seco:

— “Você dá conta do recado?”

A resposta saiu de dentro, sem cerimônia:

— “Dou conta, sim, prefeito.”

Nilton arregalou os olhos, surpreendido pela segurança:

— “Gostei da resposta. Está nomeado.”

A notícia correu rápido. À noite, Faustino bateu novamente à porta da pensão.

“Você é a primeira pessoa que ajudei e que cresceu sem me pedir nada”, disse, orgulhoso, enquanto o levava para tomar café e comemorar.

O quase vereador que descobriu ser político

Mas a política mesmo só se impôs de vez em 1976. Era época de convenção partidária no PDS. O partido precisava completar a chapa com quatro nomes fictícios — candidatos apenas no papel, para “não pegar mal”. Foi aí que Vavá Machado pediu ao secretário da convenção, o jovem Ronaldo, que colocasse alguns nomes na ata.

“Põe três amigos aí. Eu boto o meu.”

Sem pensar muito, Ronaldo colocou também o próprio nome — quase como quem assina um bilhete qualquer.

Só que a campanha começou. Longa, pesada, típica dos anos 70. E ele, tímido politicamente, pedia votos... para Vavá Machado. Até que, temendo o vexame de ser o “candidato zero”, começou — com papel de embrulho e caneta Bic — a ganhar seus primeiros eleitores.

Ele não tinha santinhos e escrevia à mão seu nome e número, em papel de embrulho, para entregar a possíveis eleitores.

Até que Faustino descobriu e o puxou pelo braço:

— “Como é que você é candidato e não me avisa?”

Era tarde. A máquina começou a girar. Foto 3x4 tirada no lambe-lambe da Praça Bernadino Bahia. Articulações. Visitas. Apoios.

E então os votos começaram a aparecer. A contagem subia, subia, subia...

E por muito pouco — cerca de oito ou dez votos, como ele lembra — não se elegeu vereador. O último eleito naquele pleito foi o advogado José Carlos Mendes de Carvalho.

Zé Ronaldo não entrou na Câmara naquela ocasião. Mas saiu da apuração com uma revelação que mudaria sua vida para sempre:

— “Meu Deus... parece que eu dou para a política.”

E decidiu, naquele instante, continuar.

Foi ali, entre a folha de pagamento da Surfeira e o susto de quase virar vereador por acaso, que nasceu o político que, décadas mais tarde, governaria Feira de Santana cinco vezes e se tornaria uma das figuras mais influentes do interior baiano.



PASSADO, PRESENTE *futuro* CAMINHAM JUNTOS.

Honra, experiência e um novo horizonte — sempre pela nossa gente. A história de trabalho e dedicação de José Ronaldo inspira gerações.

E é nessa força que eu sigo em frente: com garra, coragem e o desejo sincero de honrar esse legado, abrindo novos caminhos para o nosso povo.

Porque quando mãos se unem, o horizonte vai mais longe.

**EU
FEIRA**

JOÃO DE FURÃO

Melhor Conexão

CORE3

PLANOS DE INTERNET

FIBRA ÓPTICA - PÓS PAGO, INSTALAÇÃO E WI-FI GRÁTIS
APP CORE3 PLAY INCLUSO COM +160 CANAIS

50MB

— POR APENAS —
R\$ **44,90**

200MB

— POR APENAS —
R\$ **59,90**

300MB

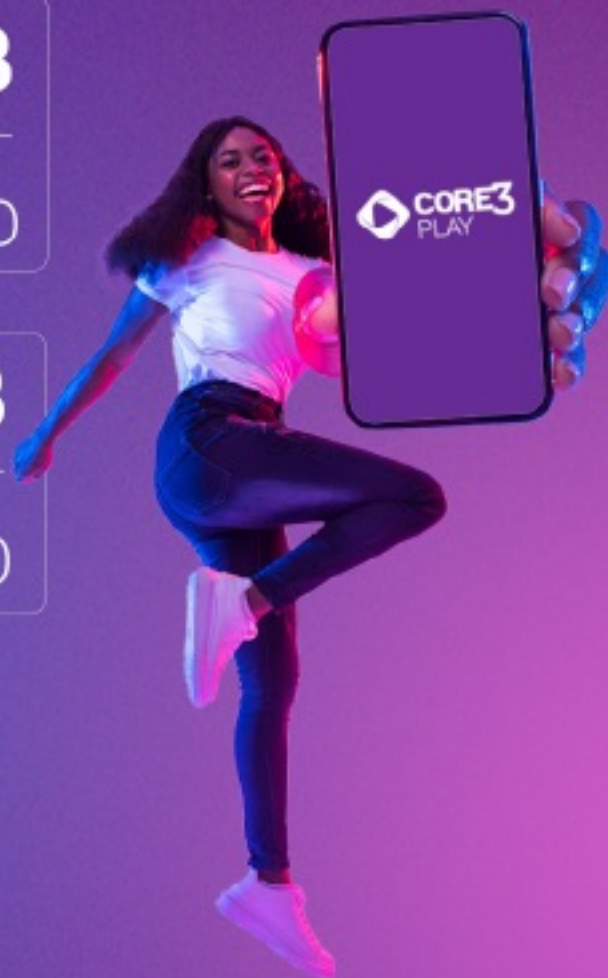
— POR APENAS —
R\$ **69,90**

500MB

— POR APENAS —
R\$ **89,90**

600MB

— POR APENAS —
R\$ **109,90**



@CORE3TECNOLOGIA

CORE3
TECNOLOGIA

WWW.CORE3.COM.BR
(76) 3023 - 7360

Conheça nosso plano exclusivo para CNPJ

CORE3
BUSINESS

Conectividade, suporte e segurança em um plano completo para pequenas e médias empresas.

600 Mb de conexão estável

Conecte todos os setores da sua empresa sem travamentos.

IP Público Estático

Mais controle e acesso remoto para sistemas, câmeras e servidores.

Kaspersky Business

Segurança digital para proteger seus dados e dispositivos.

SLA de até 6h

Atendimento técnico rápido, com garantia de tempo de resposta.

Telefonia Ilimitada Brasil (Fala Brasil)

Ligue fixo e móvel para todo o país sem limite.

Suporte 24h exclusivo para empresas

Canal direto com equipe técnica especializada.

ONU Wi-Fi 6 de última geração

Alta performance para ambientes corporativos.

CORE3
BUSINESS



“Além de mentir, ainda marca dia e horário”

Entre as muitas histórias que moldam a memória política de José Ronaldo, uma delas atravessou o tempo como uma das mais divertidas — e, ao mesmo tempo, uma das mais emblemáticas sobre a relação entre promessa e entrega na vida pública.

A cena aconteceu logo após sua primeira eleição para vereador. Ainda empolgado com a vitória e com a energia de quem chega ao Legislativo pela primeira vez, José Ronaldo decidiu revisar algumas das comunidades onde havia feito campanha. Uma delas era o bairro Gabriela, então um conjunto habitacional recém-surgido em Feira de Santana, repleto de carências básicas, e onde a escuridão da noite era um dos maiores problemas enfrentados pelas famílias.

Pouco depois da eleição, ele foi parabenizado pelo governador Antônio Carlos Magalhães. Naquele típico gesto

de quem aproveita o momento certo, José Ronaldo relatou ao governador a situação crítica do bairro Gabriela e pediu a implantação urgente da rede de iluminação pública. ACM ouviu, concordou e deu a ordem ali mesmo.

Horas depois, o telefone de José Ronaldo tocou. Era Paulo Souto, então responsável pela área de energia no Estado. Objetivo, prático e direto, comunicou:

— Vereador, os técnicos chegarão no Gabriela tal dia, tal hora, para iniciar a obra.

A informação era tão precisa que o jovem vereador viu ali uma oportunidade: convocou uma reunião com os moradores do bairro para compartilhar a novidade. Reuniu-se uma multidão. Gente simples, esperançosa — mas também desconfiada. Quando anunciou o dia e o horário em que a equipe chegaria,

um burburinho se formou ao fundo, até que uma gargalhada chamou atenção.

Curioso, ele perguntou:

— Minha senhora, por que a senhora achou graça?

Sem medir palavras, ela respondeu, arrancando risos da plateia:

— Eu já vi político mentiroso... mas um que ainda marca dia e hora pra promessa, esse eu nunca vi!

A resposta, espontânea e debochada, poderia ter desmontado qualquer político iniciante. Mas José Ronaldo tinha confiança no compromisso assumido. E sabia que a palavra dada — a dele e a do governo — não seria quebrada.

No dia marcado, na hora exata, os caminhões chegaram. Os técnicos desceram, colocaram os capacetes, abriram caixas,

instalaram postes e transformadores. A luz foi acesa. O bairro Gabriela mudou.

A senhora da gargalhada assistiu tudo perplexa. Era o tipo de cena que a política raramente oferece: promessa feita, cumprida e testemunhada.

Hoje, a história virou uma lembrança que José Ronaldo conta sorrindo — porque, no fim, ela mostrou exatamente aquilo que seria sua marca por toda a carreira: a palavra empenhada não era brincadeira.

E aquela frase que nasceu como ironia...

... virou símbolo de uma realidade que ele demonstrou, vez após vez:

Político que marca dia e hora — e cumpre — não é mentira.

É compromisso.

C. G. Transportes

ESPECIALIZADA EM TRANSPORTE ESCOLAR.



Dedicação, cuidado e proteção. A receita que fez Feira crescer forte e sadia

Homenagem da
Clínica Médica Integrada



Quem é

Dr. Thiago Gilleno



Dr. Thiago Gilleno, feirense do Jardim Cruzeiro, 41 anos, é médico ultrassonografista e obstetra, formado em 2012 e pós-graduado pela FATESA em Ribeirão Preto e pelo INCMED. Com mais de uma década de experiência em gestão de saúde, foi diretor e coordenador médico em diversas unidades da região e liderou o SAMU Regional de Senhor do Bonfim entre 2014 e 2016.

Reconhecido pelo trabalho técnico, pela atuação humanizada e pelo voluntariado nas comunidades rurais do Piemonte Norte do Itapicuru, Dr. Thiago construiu uma trajetória marcada por compromisso e presença.

Em 2020, assumiu o maior desafio de sua vida pública: tornou-se prefeito de Ponto Novo. À frente da gestão, promoveu avanços expressivos na saúde, infraestrutura e desenvolvimento social, destacando-se como um gestor moderno, firme e próximo do povo.

Dr. Thiago Gilleno representa a união entre experiência, sensibilidade e a capacidade de transformar realidades de forma consistente e humanizada.

Professor que virou secretário; uma história que começou na UEFS



José Ronaldo gosta de dizer que a vida tem dessas engenharias que ninguém planeja: um dia você está sentado numa carteira universitária, anotando o que o professor escreve na lousa; décadas depois, o mesmo professor está sentado à sua frente, discutindo orçamento, plano diretor e futuro da cidade. As duas cenas se misturam na memória dele como se fizessem

parte de um filme de longa duração, filmado em câmera lenta.

‘Eu sempre fui um aluno muito dedicado.’

Assim ele descreve seu início na Universidade Estadual de Feira de Santana, começo dos anos 1980. Feira crescia, a democracia ensaiava passos tímidos, e a universidade ainda era uma promessa mais do que uma

instituição consolidada. Era lá que Carlos Brito, jovem professor do curso de Administração, tentava organizar turmas agitadas, currículos novos e uma cidade, de algum modo, em construção.

“Eu chegava cedo, prestava atenção em tudo.”

José Ronaldo não era o aluno barulhento, nem o que puxava os debates mais acalorados. Era o quieto atento, o que fazia perguntas diretas, o que queria entender como funciona o mundo antes de tentar consertá-lo. Carlos Brito percebeu isso cedo — mas à maneira dos bons professores, não comentava. Apenas observava o aluno disciplinado e guardava o nome.

As conversas entre os dois começaram despretensiosas. Depois da aula, nos corredores, falando sobre economia, política, planejamento urbano. O país atravessava a ressaca da ditadura; a universidade fervia; o futuro era uma rua asfaltada pela metade. A relação professor-aluno foi virando convivência, e convivência virou respeito.

“Eu sempre valorizei gente preparada.”

Os anos passaram. José Ronaldo virou vereador, depois deputado, depois prefeito — repetidas vezes. Carlos Brito continuou professor, pesquisador, técnico. E, quando o governo municipal precisou de alguém para organizar o planejamento da cidade, Ronaldo lembrou do professor. Foi simples assim.

“Eu precisava de alguém em quem eu confiasse de verdade.”

Brito aceitou. E o que começou com aulas de Administração virou mais de duas décadas de parceria administrativa. O professor virou secretário; o aluno virou gestor. Ronaldo diz isso com naturalidade, como se fosse uma progressão lógica.

“Ele sempre foi um homem sério. Eu sabia disso desde a universidade.”

Os dois atravessaram governos, obras, dificuldades,

divergências. Mas, ao contrário do que costuma acontecer na política, a amizade não se perdeu. Se sofisticou. Foi ficando mais silenciosa, mais madura, mais prática. O tipo de relação que não precisa de grandes declarações — apenas de continuidade.

“Confiança não se improvisa; é construída.”

Quando é perguntado se estranha o fato de ter sido aluno do homem que, anos depois, orientaria planos e investimentos de sua gestão, José Ronaldo faz um gesto de quem não vê ali nenhum paradoxo. Para ele, tudo faz sentido: primeiro o professor que ensina; depois o profissional que contribui; e, no meio disso, a cidade que ganha.

“No fundo, a gente nunca deixa de ser aluno de quem a gente respeita.”

E assim, entre memórias de sala de aula e planilhas de planejamento urbano, José Ronaldo constrói a narrativa de uma parceria que começou com um quadro negro e terminou em políticas públicas. Ou talvez nem tenha terminado: apenas mudou de sala.

“Algumas pessoas a vida coloca no caminho da gente para ficar.”

E, para José Ronaldo, Carlos Brito é uma dessas pessoas.

Mais de 50 anos na mesma casa: a rotina no Pilão



O portão branco da casa na Rua Barão do Rio Branco, no bairro Pilão, em Feira de Santana, guarda uma história singular na política baiana: há 51 anos, é dali que José Ronaldo trabalha, recebe aliados, atende moradores e mantém uma rotina que parece saída de outra época — uma época em que a política ainda se fazia na sala, na calçada, no café coado e nas conversas olho no olho.

No dia 8 de junho de 2024, essa casa completou oficialmente meio século como endereço fixo do ex-prefeito. Uma marca rara, quase anacrônica, para um político com trajetória estadual e municipal sólida. Ronaldo, porém, nunca se interessou por condomínios fechados, apartamentos sofisticados ou mudanças estratégicas de bairro. Preferiu permanecer onde construiu sua história.

De Paripiranga para Feira — e para sempre

Nascido em Paripiranga, no nordeste da Bahia, ele desembarcou em Feira de Santana ainda adolescente, para estudar. A ideia era simples: ficar um tempo, conduir o curso, aventurar novos caminhos. Mas Feira — e mais especificamente o bairro Pilão — o capturou. Casou com a professora Ivanette e em 1974 mudou-se para a casa onde vive até hoje.

A residência, de fachada discreta, é quase parte da paisagem urbana: quem passa diariamente já não a percebe. Mas quem entra sabe que ali pulsa uma central política informal, uma espécie de gabinete permanente que nunca fechou as portas.

A casa que virou escritório — e depois virou símbolo

Com o tempo, o fluxo de visitas aumentou tanto que o improvisado

virou estrutura. No alto da garagem, acima do portão metálico, Ronaldo construiu um pequeno escritório, pensado exclusivamente para receber pessoas.

Nada de luxo: mesa simples, cadeiras alinhadas, água, café, bloco de anotações. E uma fila que, por anos, se estendeu pela calçada.

Ali foram marcados encontros com lideranças comunitárias, fechados apoios eleitorais, organizadas campanhas, resolvidos conflitos de bairro, concedidas entrevistas improvisadas. Ali também se fez política de proximidade — aquela que explica boa parte de seu enraizamento na cidade.

Rotina imutável: acordar cedo, atender gente — repetir

Enquanto muitos políticos sofisticam agendas e se cercam de filtros tecnológicos, José Ronaldo preserva um método artesanal, quase monástico: acorda cedo e começa os atendimentos às 6h da manhã.

Não é exagero. Há décadas a porta se abre antes do sol, e sempre há alguém esperando. Podem ser comerciantes, líderes de bairro, donas de casa, estudantes, antigos aliados — ou apenas moradores pedindo ajuda.

O ritmo só diminui quando ele passa a cumprir compromissos externos. À tarde, reuniões; à noite, eventos. Mas a essência está ali, na casa do Pilão, antes do amanhecer.

Um endereço, muitas histórias

A casa testemunhou campanhas vitoriosas e derrotas amargas; momentos de euforia e crises silenciosas; articulações discretas e decisões que moldaram o destino de Feira. Nela, foram gestadas cinco campanhas municipais e incontáveis negociações estaduais.

Por trás do portão branco, passaram governadores, senadores, vereadores, secretários, adversários, aliados — e um número incalculável de cidadãos comuns.

Meio século depois, nada indica que o hábito mudará. José Ronaldo segue ali, no mesmo endereço, com a rotina de sempre. Acorda cedo, abre o escritório, atende, conversa, escuta.

E repete a liturgia que, mais do que estratégia, virou modo de vida: estar sempre disponível, no mesmo lugar, para quem quiser bater na porta.

Grupo JB: A base sólida para um cidadão bem informado.

De Olho
na Cidade

JORNAL DO
MELODIA

CIDADE
em pauta

"O grupo JB, através dos programas de rádio De Olho na Cidade, Jornal do Meio Dia, Cidade em Pauta e portal de notícias deolhonacidade.net, se dedica a ser a sua fonte confiável de notícias, te atualizando diariamente, sobre Feira de Santana e Região."

Jorge
Biancchi
Diretor do
Grupo JB

GRUPO
JB
COMUNICAÇÃO

@deolhonacidade.oficial <https://deolhonacidade.net> ojornaldomelodia cidadeempautafsa



Consórcio de videocassete para bancar campanha de vereador

No começo, antes dos discursos no palanque, antes de qualquer disputa maior, antes dos cinco mandatos de prefeito e das articulações que moldariam a política de Feira de Santana por mais três décadas, havia um jovem vereador tentando sobreviver à própria falta de dinheiro. Era José Ronaldo, não o político calejado, mas a versão inaugural: a que descobriu que fazer campanha custa caro e que o salário de vereador era insuficiente até para as promessas modestas — quanto mais para financiar um futuro.

A cena, reconstituída nas memórias fragmentadas de quem viveu aqueles anos, dá a impressão de comédia improvisada, mas foi tudo muito sério. A política naquele tempo não tinha marquetagem, coordenação profissional, drone sobrevoando carreatas; tinha cartaz colado à mão, camisa emprestada, e uma economia doméstica que precisava se equilibrar entre contas de casa e panfletos.

Foi nessa época que o destino — sempre com humor —

colocou no caminho de José Ronaldo uma invenção que hoje parece artefato de museu: o videocassete. E, junto com ele, uma instituição igualmente extinta: o consórcio de videocassete.

Hamilton Ramos, amigo de juventude e futuro coordenador das cinco campanhas de Ronaldo à Prefeitura, era vendedor desses consórcios. Explicava às famílias, com seriedade quase religiosa, que aquele aparelho retangular, que engolia fitas de plástico, era o futuro do entretenimento doméstico. Numa era em que Netflix seria entendido como marca de eletrodoméstico alemão, o videocassete era tecnologia de ponta — um ritual doméstico.

“Eu entrava no consórcio porque era um jeito de guardar dinheiro. Era o que eu tinha. Quando recebia o videocassete, eu via se dava para usar... mas, normalmente, eu precisava transformar em recurso.”

O ritual era simples: pagar as parcelas, aguardar o sorteio, receber o produto e, na maioria das vezes, convertê-lo em dinheiro para abastecer a campanha. Não havia glamour. Nem estratégia sofisticada. Era o que havia.

O videocassete, símbolo do entretenimento doméstico dos anos 80, nunca imaginou servir a uma missão tão distante da sala de estar: virar combustível eleitoral. Mas virou. E não foi uma vez só.

"Cada consórcio que eu fazia era uma forma de me preparar. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, iria precisar daquele dinheiro."

O episódio, que hoje poderia render um curta-metragem irônico sobre política local, era, no entanto, apenas sobrevivência. E, em certa medida, prenúncio. José Ronaldo — futuro gestor, futuro organizador de cidades, futuro articulador político — começava ali a aprender que, para avançar, era preciso calcular, planejar, guardar, improvisar.

"Eu aprendi cedo que campanha não se faz com milagre. Se

faz com esforço e muita responsabilidade. Quando eu lembro disso, eu penso: foram coisas pequenas, mas importantes. Muito importantes."

No fundo, a história do videocassete é menos sobre a máquina e mais sobre o método. Sobre como, antes dos discursos longos, dos eventos lotados e das articulações de alto nível, um vereador tentou sobreviver à aritmética eleitoral usando a ferramenta que tinha à mão.


"Eu fazia o que era possível. E o possível, naquele tempo, era isso."

E assim, entre VHS, boletos de consórcio e a obstinação de chegar ao fim da campanha sem ficar no vermelho, José Ronaldo deu seus primeiros passos na política — com a mesma lógica que aplicaria em toda a carreira: prudência, persistência e um senso muito rigoroso de responsabilidade.



**JOSÉ RONALDO. REFERÊNCIA
DE GESTÃO, CONFIANÇA E
CONTINUIDADE POLÍTICA.**
Esse é o modelo de liderança
em que eu acredito.
Parabéns, Zé Ronaldo!

**SILVA
NETO**
MAIS PELA BAHIA



VOTE
JOSÉ RONALDO
VEREADOR

Comedores 'oficiais' de caruru

José Ronaldo gosta de lembrar que a política, antes de ser cálculo, é digestão. No caso dele, sobretudo digestão de dendê. Foi nos anos de vereador — aquele período em que ninguém imagina futuro, apenas tenta sobreviver ao presente — que ele aprendeu que setembro não é um mês qualquer em Feira de Santana. É um calendário litúrgico de carurus, e cada panela aberta é um convite, um compromisso, um território a ser respeitado.

“Eu participava de seis, sete carurus numa noite.”

Ele diz isso com a serenidade de quem já não precisa mais enfrentar tal maratona, mas com o realismo de quem ainda sente, na lembrança, o peso da última colher. As noites eram longas: bairro, distrito, povoado, outra casa, outra mesa, outro prato servido com orgulho.

“Eu chegava num lugar, tinha que provar. Chegava no outro, tinha que provar também.”

A liturgia da política impõe suas regras. Provar o caruru não era escolha, era ritual. Era a forma de agradecer, reconhecer, legitimar a visita. E José Ronaldo, que nunca foi homem de comer muito, via-se diante de uma sucessão de pratos que mais pareciam obstáculos do que celebração.

“Eu sempre fui de comer pouco. E, mesmo assim, tinha noite que eu precisava provar caruru em nove lugares.”

Foi aí que entrou em cena um time peculiar, que a história política de Feira de Santana talvez não tenha estudado como deveria: os comedores oficiais. Hamilton Ramos, José Matias e outros assessores que o acompanhavam nas caminhadas — e que tinham uma função muito específica quando setembro chegava.

“Eu ia acompanhado, porque ninguém aguentava sozinho. Era muita casa, muita mesa, muito prato.”

O funcionamento era simples, quase um protocolo secreto da vida pública feirense:

“Eu pegava o prato, experimentava e passava para os comedores oficiais.”

E Hamilton e Matias, cada um com sua disciplina gastronômica própria, davam conta da demanda. Em algumas noites, eram eles os verdadeiros heróis anônimos: avançavam na degustação, faziam o trabalho silencioso de concluir o prato que o vereador não podia recusar, mas também não podia terminar.

“Os comedores oficiais ajudavam muito. A noite era longa, e comer caruru sete vezes seguidas não era simples.”

Era um sistema de sobrevivência política e física. Um arranjo orgânico, fruto de necessidade e confiança. José Ronaldo sabia que o eleitor não oferecia caruru por formalidade; oferecia por respeito, por afeto, por reconhecimento de liderança. E recusar, ainda que por fadiga, era gesto interpretado.

“Eu sabia que, se eu não fosse ou não provasse, alguém iria entender errado. Então eu ia. E provava.”

Com o tempo, José Ronaldo compreendeu que a política se aprende na rua, mas se consolida à mesa. Que alianças exigem

presença — e, naquela época, colher. Que o gesto de provar o caruru, por menor que fosse, tinha uma força simbólica maior que discursos.

“Eu penso nisso hoje e digo: eu comecei assim. Indo a todas as casas, provando de todos os carurus.”

E enquanto ele fazia o gesto obrigatório — provar — Hamilton, Matias e os outros faziam o gesto indispensável — resolver o resto. Era política em estado visceral: o corpo a serviço da estratégia, o estômago a serviço da presença, o dandê a serviço da memória.

“Política é presença. E presença, naquele tempo, tinha gosto de caruru.”



O pai quis um sucessor, mas encontrou um médico



Na vida pública de José Ronaldo, há perguntas que voltam como refrão — insistentes, circulares, repetidas por aliados, adversários e até curiosos ocasionais. Uma das mais frequentes é essa: por que nunca fez um sucessor dentro da própria casa? Ronaldo tem três filhos: Fábio, Camila e Natália.

Em tantas famílias políticas espalhadas pelo Brasil, essa seria a progressão natural. Mas, para Ronaldo, natural não significa necessário.

“Eu pensei em um filho entrar na política. Sonhei com isso.”

Ele conta a história com a serenidade de quem

já transformou lembranças em diagnóstico. O episódio — íntimo, quase doméstico — aconteceu em Salvador, tarde da noite. Uma conversa entre pai e filho, sem testemunhas, sem reunião marcada, sem estratégia eleitoral.

“Fabinho, meu filho, ensaiou isso. Ele seria candidato a deputado. Pensamos isso durante 10, 15 dias.”

É possível imaginar o ambiente: uma sala silenciosa, casas vizinhas já adormecidas, a pressão política ficando do lado de fora por alguns minutos. Fabinho, então estudante de medicina, levanta uma pergunta simples, mas definitiva.

“Naquela noite ele chegou pra mim e perguntou: ‘meu pai, é para eu ir para a política, mesmo?’”

A resposta de Ronaldo não foi imediata, nem calculada — pelo menos não naquele instante emocional. A cena ganha contorno quando ele descreve:

“Olhei para ele, nos abraçamos, e eu disse: ‘se você entrar, estamos juntos.’”

Era sincero. Era também, segundo ele, insuficiente. Porque, naqueles segundos de abraço, Ronaldo percebeu aquilo que o filho ainda não tinha percebido.

“Eu vi que ele estudava medicina com amor.”

A dúvida veio com força: é possível ser médico e deputado ao mesmo tempo? Fabinho achava que sim. José Ronaldo achava que não. O país, a biografia dos deputados e a rotina da Assembleia Legislativa confirmariam o lado do pai.

“Pedi que ele pesquisasse na Assembleia com os deputados que eram médicos.”

A pesquisa não trouxe boas notícias para a tese médica.

“Vimos que nenhum médico que foi deputado voltou a ser médico. Preferiu a política. Aí encerramos a conversa.”

Assim, sem drama, sem discurso, sem briga, a dinastia terminou antes de começar. O filho virou médico. O pai continuou político. E o futuro, silenciado pela prudência, seguiu sem herdeiros eleitorais.

A ausência de sucessores, no entanto, não diminuiu a presença dos afetos. Ao contrário: ampliou. José Ronaldo descreve a relação com os netos com a sinceridade quase desconcertante de quem sabe que devia estar mais presente — e não está.

“Eu adoro estar perto dos meus netos. Me transformo em outro ser humano.”

Ele diz isso com uma honestidade desarmada, sem pretensão de parecer exemplar.

“Eu sinto falta deles, dos meus filhos.”

Os amigos também entram no inventário afetivo. Mas, de novo, com ressalvas, com o mesmo traço que marca toda sua narrativa: o trabalho, sempre ele, como um obstáculo e, ao mesmo tempo, como vocação.

“Tenho muitos amigos que Deus me deu. Gosto de estar perto dos amigos. Mas não consigo estar perto para brincar, para me divertir, porque minha cabeça só pensa no trabalho.”

O político, nesse caso, não é máscara; é impulso. E é esse impulso que o acompanha mesmo sem mandato — algo que ele se orgulha de dizer que nunca o diminuiu na vida social.

“Um dia, o médico César Oliveira disse, em um programa de rádio, que político sem mandato falta casa para tomar café.”

Ele ri ao citar a frase. Mas devolve com uma certeza que, para ele, não é bravata, é memória:

“Felizmente comigo nunca foi assim. Sempre fui muito bem recebido por onde passei e passo.”

No fim, o que sobra é a constatação de que José Ronaldo não criou sucessores, mas criou histórias — e rotinas, e presença, e uma espécie de pacto emocional com a cidade. O herdeiro político não veio. Os herdeiros afetivos, sim. E, se há omissões na agenda familiar, há também a consciência de que elas fazem parte do personagem que ele se tornou.

Não há drama — há constatação.

Não há lamento — há aceitação.

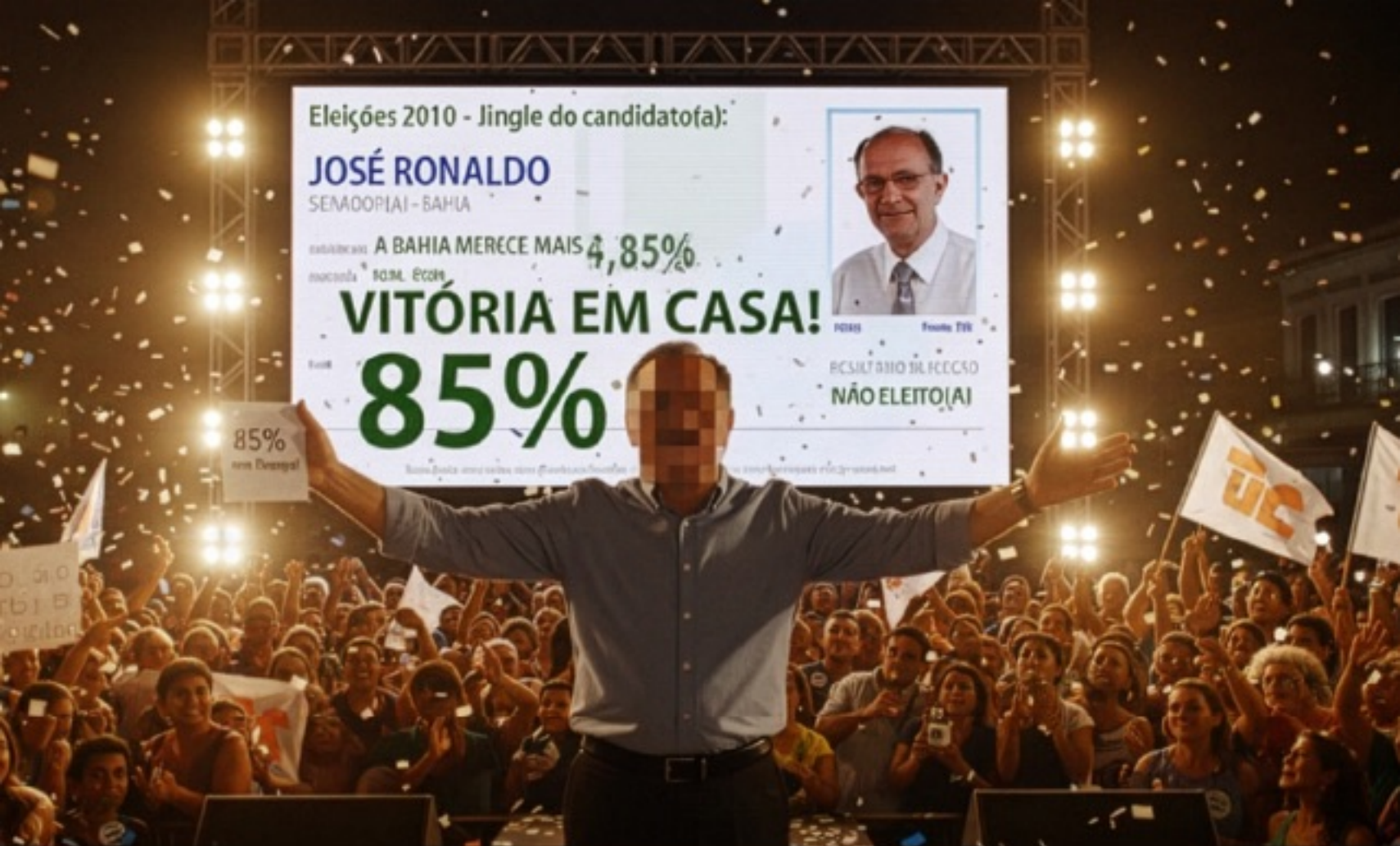
E, acima de tudo, há uma frase que resume o enredo:

A política ocupou o lugar que outros destinam ao tempo livre — e José Ronaldo nunca fingiu o contrário.

Congratulações ao Prefeito José Ronaldo

Incansável, determinado e vitorioso. Esses são apenas alguns dos muitos adjetivos que ajudam a definir a trajetória do homem público José Ronaldo. Único a eleger-se prefeito da maior cidade do interior do Nordeste – a metrópole Feira de Santana – por cinco mandatos, além de ter feito dois sucessores de forma consecutiva, José Ronaldo consolidou-se como um verdadeiro fenômeno da política regional. São 54 anos de vida pública dedicados ao serviço da coletividade. Como Presidente da Câmara Municipal de Feira de Santana, eu, vereador Marcos Lima, acompanho essa trajetória com respeito institucional, isenção política e reconhecimento ao trabalho, à competência e ao compromisso demonstrados na condução dos destinos do nosso município. Parabenizo o prefeito José Ronaldo por suas realizações e desejo êxito contínuo nas decisões que impactam diretamente a vida do povo de Feira de Santana, sempre na construção de uma cidade mais justa, desenvolvida e humana.





“Perdi a eleição e comemorei”

Em política, derrotas costumam deixar marcas profundas. No caso de José Ronaldo de Carvalho, 74 anos, prefeito de Feira de Santana pela quinta vez, deixaram também um sorriso — daqueles largos, impensáveis, que só quem carrega a convicção de pertencer a uma cidade consegue sustentar. “Perdi a eleição e comemorei”, ele diz, abrindo os braços como quem conta uma travessura. E não é metáfora. Em 2010, quando disputou o Senado e ficou de fora, celebrou: a derrota veio com uma vitória de 85% dos votos na sua cidade, índice que ele conta como quem desfia uma joia antiga.

A cena cabe na moldura de uma carreira que sempre foi guiada menos por cálculos frios do que por um tipo peculiar de obstinação: a de esperar a hora certa. José Ronaldo não se lança — é lançado. Não se impõe — é puxado. E, quando final-

mente aceita, parece já ter vencido antes da urna ser aberta.

O homem que disse “não” — duas vezes

A história começa em 1988. Ronaldo, então deputado estadual de primeiro mandato, é chamado ao gabinete do prefeito José Falcão da Silva. Falcão, numa mistura de pragmatismo e intuição, lhe oferece a candidatura natural à sua sucessão. O cenário: favorável. O prefeito: bem avaliado. O convite: tentador. A resposta: não.

“Eu agradei muito e não fui candidato”, relembra. A recusa surpreendeu aliados, analistas e curiosos que já o viam como prefeito por antecipação. Ele seguiu como deputado, reele-

geu-se e, anos depois, repetiu o gesto. Em 1996, Paulo Souto — então governador — convoca Ronaldo novamente. E pela segunda vez, ele recusa. “Eu queria seguir a escadinha”, diz. “Federal.”

Quase sempre, políticos sobem degraus como quem pula fogueira. Ronaldo preferiu contar cada madeira, examinar as brasas, medir o vento.

Em 1998, chega à Câmara dos Deputados com 150 mil votos — um número que só voltaria a ser superado décadas depois por dois outros nomes. A votação maciça, no entanto, produz um efeito imediato: “A imprensa dizia: ‘é candidato a prefeito’. O povo dizia: ‘é candidato a prefeito’. Eu ia na zona rural, todo mundo dizia: ‘agora é você’”.

Assediado pela certeza alheia, ele cede. Não por vaidade — mas porque, de tanto apontarem o caminho, já era impossível não ver a estrada.

A coroação eleitoral

A primeira disputa veio em 2000 — mas Ronaldo lembra como “2020”, numa dessas trocas de dígitos que a memória costura com delicadeza. Foi eleito com cerca de 62% dos votos, no primeiro turno. O detalhe histórico: era o primeiro prefeito de Feira eleito no primeiro turno desde a adoção da

A partir dali, venceu todas.

2004: 66%.

2012: 68%.

2016: 71,5% — ou 72%, como ele arredonda, com a naturalidade de quem sabe que um número não explica tudo.

Foram vitórias largas, sólidas, que desenharam ao longo dos anos a figura do político mais longo e mais popular da história recente do município. E, embora a política brasileira colecionasse líderes com trajetória ascendente, poucos mantêm percentual crescente por quatro eleições majoritárias consecutivas.

A derrota celebrada

Em 2010, apoiadores insistiram: era hora de ir ao Senado. Ele foi — e não venceu. Ficou em quarto lugar. Mas, para Ronaldo, o dado que importava era outro: em Feira de Santana, teve quase 85% dos votos.

“Eu perdi a eleição e comemorei”, repete, com gosto. A cena, hoje, se mistura a uma filosofia que ele carrega como quem

carrega uma bússola antiga: o sucesso não se mede pelo cargo que se conquista, mas pela fidelidade do território que se habita.

O retorno

Quinze anos depois daquela derrota comemorada, José Ronaldo volta ao Paço Municipal para o quinto mandato — algo raro em cidades grandes brasileiras. O retorno, porém, não é um ato nostálgico. É, para ele, uma obrigação de conclusão, quase como quem encontra pela terceira vez uma mesma esquina e resolve tomar finalmente o caminho que sempre evitou.

Feira de Santana cresceu, mudou, expandiu-se. Deu certo em algumas apostas, errou em tantas outras, como qualquer cidade viva. Ronaldo retorna numa fase em que prefeitos deixaram de ser administradores e viraram gestores de crises: mobilidade, clima, violência, redes sociais, orçamento, redes de afetos e desafetos. Mas ele parece não se intimidar: “A política é feita no corpo a corpo”, repete sempre. O velho manual analógico para sobreviver num mundo digital.

Ainda assim, resiste. E resiste porque seu eleitorado também resiste — e insiste.

O mito da continuidade

Há quem diga que José Ronaldo é um político “à moda antiga”. Há quem diga que é exatamente isso que explica sua longevidade. Há quem veja nele uma espécie de prefeito permanente, uma sombra inevitável que paira sobre qualquer projeto político apresentado na cidade nos últimos 30 anos. Há também quem o critique por isso.

Mas, nos bastidores, entre aliados e adversários, há um consenso: é difícil, quase impossível, entender Feira de Santana sem entender José Ronaldo.

Afinal, poucos políticos podem dizer que recusaram ser prefeito duas vezes — e mesmo assim se tornaram, por insistência do próprio eleitorado, quase um destino inevitável.

Poucos podem dizer que perderam uma eleição e comemoraram.

Poucos podem dizer que governam sua cidade pela quinta vez.

Poucos podem dizer que, antes de tudo, esperaram.

E é talvez nesta espera — sempre calculada, às vezes improvável — que se encontra o segredo da trajetória de José Ronaldo de Carvalho. A paciência, afinal, é uma forma de vitória. E ele sempre soube como transformá-la em voto.

José Ronaldo é daqueles políticos que inspiram, porque sua história na vida pública não foi construída do dia para a noite, mas sim com presença, decisões firmes e compromisso contínuo. Todo seu esforço e trabalho são a prova de que governar é assumir uma responsabilidade diária com as pessoas e com a construção do futuro de cada uma delas.

Admiro o profissional dedicado, mas, para além disso, admiro ainda mais o homem íntegro e honesto que José Ronaldo é.

Agradeço por todas as trocas, pela confiança e pela oportunidade de atuar ao lado de um grande líder.

Seguiremos juntos, firmes e cada vez mais unidos, porque é através dessa união que cuidamos de Feira.

*Parabéns,
José Ronaldo!*



**Pablo
Roberto**

ZÉ CONHECE O POVO
E CAMINHA COM QUEM JÁ PROVOU
QUE SABE CUIDAR DA CIDADE.

ZÉ QUE VEM DA FEIRA,
QUE CONHECE O SERTÃO,
QUE FALA A LÍNGUA DO POVO.

ZÉ DO COMÉRCIO QUE ABRE CEDO,
DO EMPREENDEDOR QUE GERA
EMPREGO.
DA ZONA RURAL, QUE PRODUZ E
FORTALECE FEIRA.

ZÉ QUE ACREDITA NA FORÇA DO
TRABALHO, E NA POLÍTICA FEITA
PERTO DAS PESSOAS.

ZÉ de ZÉ

PARCERIA QUE FEIRA CONHECE.





Locutor de cinema que errou o título do filme

Há algo de profundamente cinematográfico na maneira como José Ronaldo conta a própria infância. Ele fala como se estivesse no balcão de projeção outra vez — aquele cubículo quente onde, aos dez anos, descobriu que a vida pode caber na luz que corta a escuridão da sala. “Eu praticamente nasci dentro do cinema”, diz, rindo como quem revela um segredo. E não é exagero: seu irmão era gerente do Cine Imperial, em Paripiranga; depois virou sócio de outro cinema numa cidade vizinha. Ronaldo cresceu entre long plays, cartazes de papel grosso, o cheiro de madeira encerada e a respiração ansiosa do público antes do início da sessão.

É uma lembrança que ele leva com o mesmo zelo de quem leva um troféu. Às vezes repete que já viu Cinema Paradiso cinco vezes. “É como se fosse a minha história”, conta. E de

fato é: um menino que aprende a cortar música, anunciar filmes e fazer cartazes; um irmão mais velho que o chama para ajudar; uma cidade pequena onde todo mundo se conhece; uma cabine que vira esconderijo e palco. Tudo ali, filmado na memória com a precisão de um rolo 35mm.

O menino que não parava quieto

Aos dez anos, Ronaldo tinha uma rotina que seria impraticável para qualquer outro garoto da idade: estudava, jogava bola, visitava namoricos platônicos na porta do cinema e, claro, ajudava no Cine Imperial. Era inquieto — e isso, hoje, parece o único traço da infância que sobrevive intacto no político adulto.

"Meu irmão disse: 'Vou ali em casa rápido, quando o disco acabar você troca'. E me mostrou como tirar o long play, como colocar outro", lembra. A missão era simples: manter a música tocando no alto-falante da praça enquanto a sessão não começava. Mas o menino queria mais do que seguir ordens.

Queria narrar.

Então diminuiu o volume da música, puxou o microfone para perto e imitou, com firmeza infantil, o anúncio que ouvia todos os dias:

— Hoje, no Cine Imperial, Cinemascope, Technicolor... o filme Buda! Venham assistir! Uma grande película!

Foi o tempo suficiente para ele sentir o peso da responsabilidade — e o gosto do improvisado. O cinema inteiro ouviu. A praça inteira ouviu. O irmão também ouviu. Quando ele chegou, me disse: "Mas rapaz, eu vinha para cá e você anunciando! Quando você não estiver estudando, venha aqui me ajudar. E você não quer aprender a fazer os cartazes?" Eu disse: quero!"

Era o início de uma carreira que nunca aconteceu — a carreira de locutor, de pintor de letreiros, de funcionário de cinema. Mas que, de algum modo, sempre continuou dentro dele.

A primeira crise pública de José Ronaldo

O episódio, porém, terminou em tragédia — ou melhor, em comédia pura. Após desligar o microfone, Ronaldo desceu para encontrar os colegas de escola. Eles já estavam lá, esperando como uma audiência cruel que fareja oportunidade melhor do que um crítico faminto.

"Rapaz, você errou o nome do filme!", disse um.

"Disse o quê?", perguntou Ronaldo.

"Você não falou Buda. Você falou bunda."

A risadaria quase derrubou o Cine Imperial. E o menino, que minutos antes se sentia dono da praça, descobriu uma lição que parece perseguiu-lo até hoje: toda autoridade nasce de um fio frágil, muito frágil — que pode se romper com um tropeço na pronúncia.

Ele ri da história como quem reconhece no erro a beleza da própria linha do tempo. Talvez ali, entre um disco de vinil, um microfone e um equívoco

fonético monumental, tenha nascido um político. Não por vocação, mas por necessidade: enfrentar a plateia.

O cinema como formação política

A trajetória de José Ronaldo costuma ser lida como a de um administrador metódico, um político de presença contínua, quase inevitável, na política feirense. Mas antes disso tudo — antes dos cinco mandatos, das vitórias maciças, da derrota comemorada — houve o cinema.

O cinema ensinou:

a lidar com o público, que reage de forma imprevisível;

a observar as pessoas, enquanto passam, entram, saem;

a anunciar com segurança, mesmo quando a voz ainda é fina;

a preencher o silêncio, com música, com fala, com presença;

a imaginar histórias, antes de administrá-las.

É significativo que Ronaldo fale de Política e fale de Cinema com o mesmo brilho nos olhos. Talvez porque, para ele, uma coisa nunca tenha sido realmente separada da outra. A política é um palco. O cinema, uma lente. E ambos, quando bem usados, iluminam.

Cinema Paradiso, versão sertaneja

O menino que trocava long plays e pintava cartazes cresceu, virou deputado, virou prefeito (cinco vezes), virou quase lenda. Mas continua olhando para trás como quem vê a própria infância projetada numa tela enorme. Ele assiste Cinema Paradiso repetidas vezes porque reconhece ali um espelho: o garoto que ficava sentado diante da cabine, o adolescente que imitava o locutor, o jovem que aprendia a ver o mundo enquadrando cenas.

Paripiranga, com seu Cine Imperial, é sua Giancaldo particular. O irmão, seu Alfredo.

Ele, o menino Totó — que não virou cineasta, mas virou prefeito.

E talvez a política, para José Ronaldo, seja exatamente isso: um cinema grande, cheio de gente, esperando o anúncio da próxima sessão.



Se perdeu na cidade que um dia governaria

Antes de se tornar o político que mais vezes comandou Feira de Santana, José Ronaldo de Carvalho foi apenas um menino assustado, parado no meio da Avenida Getúlio Vargas, olhando dois carros amassados como quem vê um cometa cair. A primeira imagem que ele guarda da cidade — hoje tão íntima, tão administrada, tão percorrida — não é a da Catedral, nem da feira livre, nem da movimentação de gente. É a de um acidente. Uma batida simples, talvez só um amassado de paralama, mas que, aos 10 anos, vindo de Paripiranga, pareceu espetáculo suficiente para paralisá-lo.

“Eu nunca tinha visto batida de carro na minha vida”, ele conta, com aquele espanto reencenado, ainda tão vívido quanto o susto original. Feira, naquele instante, não era a metrópole do interior que ele viria a liderar por cinco mandatos. Era o palco de uma descoberta: carros podiam se quebrar, pessoas podiam gritar, a cidade podia explodir em confusão sem pedir licença a ninguém.

A romaria, a irmã devota e o início involuntário de uma saga

A viagem tinha outra finalidade. Ele viera acompanhar a irmã, devota de Senhora Santana, que sonhava conhecer a festa dedicada à padroeira. Para Ronaldo, de tão pequeno, a lembrança parece um mosaico de imagens dispersas: as barracas espalhadas pela Praça da Catedral, o cheiro da festa, o vai e vem das pessoas, a poeira vermelha misturada ao vento, o som metálico vindo da velha fábrica da Caeira — parte respeitada, parte odiada pela vizinhança.

Tudo enorme. Tudo vivo. Tudo novo.

Mas era a Avenida Getúlio Vargas que faria a ponte entre o deslumbramento e o susto.

A batida que desviou seu caminho

No caminho para a casa de Faustino Dias Lima — o parente que hospedava a família — a pequena comitiva avistou o acidente. O menino Ronaldo parou. Observou. Demorou. Aglomeração, gente falando alto, curiosos se aproximando, buzinas ansiosas. Era quase uma atração turística, para ele, que vinha de um mundo onde colisões eram apenas temas de conversas distantes.

A família seguiu. Ele não.

E foi aí que começou seu primeiro desaparecimento político — não por fuga, mas por distração.

Entrou numa rua errada. Depois em outra. Depois em mais outra. Feira parecia uma cidade que se multiplicava a cada esquina. De repente, a cidade não era mais um cenário: era um labirinto. Um menino perdido num lugar grande demais para caber na cabeça de uma criança.

O sumiço que deixou a casa em pânico

A família, já no destino, notou sua ausência. A preocupação se espalhou rápido — afinal, era feira, no auge da festa, cheia de gente, cheia de sons, cheia de possibilidades de que algo pudesse dar errado. As horas que ele vagou pelas ruas devem ter sido longas para quem esperava, curtas para quem tentava decifrar o caminho de volta.

Quando finalmente chegou à casa de Faustino, trazia no rosto o espanto misturado com um pouco de orgulho por ter conseguido, mesmo sem saber como, reencontrar o destino. Receberam-no com alívio, bronca e aquela espécie de carinho ríspido reservado às crianças que testam limites.

A origem invisível de uma relação duradoura

É curioso pensar que o primeiro contato de José Ronaldo com Feira de Santana — esta cidade que ele viria a moldar como poucos — foi marcado por uma sensação de desorientação. Antes de decorar suas ruas, ele se perdeu nelas. Antes de reger seu trânsito, ficou parado observando uma batida. Antes de comandar suas festas, veio como devoto por tabela, carregado pela fé da irmã.

A primeira Feira que ele viu era uma cidade que assustava. Depois, virou a cidade que o acolheu. E, por fim, tornou-se a cidade que ele conduziu por décadas.

E talvez seja assim mesmo a vida das cidades e dos homens que as governam: começam sempre por um tropeço, um desvio, um encantamento inesperado, uma batida de carro que atrasa a caminhada e muda o destino.



Agro é vida!

É TRABALHO SAGRADO

O que nos faz seres humanos especiais é a força do trabalho, a força de vontade e a capacidade de servir para um bem maior que beneficie a todos.

Esse exercício nos dá experiência para gestões produtivas que fazem a diferença em tudo.

A Unagro segue esses princípios, pela defesa e união da classe rural, pela integração e evolução campo e cidade.

Nossa homenagem a José Ronaldo, pelo seu empenho de vida, trabalho, e realizações em prol do bem coletivo.



UNIÃO É A NOSSA BANDEIRA

MOMISÉS COUTO

sempre presente

OLISILBAR

ATACADO DISTRIBUIDOR

olisilbar.com.br



O voo de helicóptero que preferia não ter feito

José Ronaldo de Carvalho, político experimentado, cinco vezes prefeito de Feira de Santana, costuma contar sua trajetória com a naturalidade de quem enumera capítulos de um livro já muito revisado. É raro ouvi-lo falar em "arrependimento". Ele descreve derrotas como aprendizado, recuos como estratégia, riscos como parte do tabuleiro. Mas existe um episódio em que a palavra arrependimento surge sem rodeios.

Um voo de helicóptero.
Um voo longo demais.

Campanha de 2018: o interior visto de cima — e de perto demais

Era 2018, e José Ronaldo era candidato a governador da Bahia pelo antigo Democratas. O estado é imenso, as estradas cortam serras e vales, os compromissos se acumulavam em cidades que levavam horas de deslocamento. Helicóptero, naquele cenário, parecia solução, produtividade, otimização — três palavras irresistíveis para candidatos em campanha.

Até que, num desses deslocamentos, veio a decisão arriscada: permanecer mais de duas horas seguidas no helicóptero, cruzando trechos longos do semiárido, sem pousos

intermediários, sem revisões, sem aquela pausa técnica que todo piloto recomenda e todo manual exige.

Especialistas chamariam a escolha de temerária.

Ronaldo chamaria, anos depois, de “a maior besteira que já fiz em campanha”.

O tempo que não passava

Ele descreve o voo como uma espécie de suspensão do mundo: o barulho contínuo das pás, o vento batendo no metal, a sensação de que a aeronave atravessava o ar com esforço, como quem empurra uma porta pesada. O relógio marcava minutos que pareciam horas, e a paisagem lá embaixo — pequenas manchas de verde em meio ao sertão — dava a dimensão real da solidão daquele risco.

“Eu não faço mais isso, nunca mais”, ele contaria depois, com a franqueza de quem reconhece que o cálculo eleitoral, naquele dia, falou mais alto que o instinto de sobrevivência.

O piloto, conta ele, mantinha a expressão neutra dos profissionais que não querem alarmar o passageiro. Mas, passada a eleição, admitiu: “O ideal era ter parado. Foi demais.”

Política, risco e arrependimento raro

Para um político que ficou conhecido pelo estilo metódico — pelo controle de agendas, rotinas, orçamentos, prazos — correr um risco dessa magnitude é quase uma anomalia biográfica. E talvez por isso mesmo o episódio tenha se fixado na memória como marca.

Não houve pane, não houve incidente, não houve notícia. Nada aconteceu — e esse é precisamente o ponto. Às vezes, o risco que mais pesa é aquele que não virou tragédia por detalhe, sorte ou benevolência do acaso.

“Isso eu não repito”, ele diz, sem a menor hesitação.

E para alguém que governou Feira cinco vezes, essa frase tem peso de decreto. O voo como metáfora involuntária.

Hoje, quando relembra o episódio, José Ronaldo o trata quase como uma parábola sobre exageros de campanha: a pressa, o acúmulo de agendas, a necessidade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo — e o custo invisível dessa lógica.

É curioso: um político que atravessou décadas de vida pública, viu disputas duras, venceu eleições históricas, perdeu uma e comemorou, tomou decisões críticas e desfez homenagem feita em vida — escolhe como arrependimento maior não uma decisão política, mas um voo.

Dois anos depois, se alguém lhe perguntasse o que faria diferente em sua trajetória, ele não citava alianças, projetos, votos, discursos.

Citaria o helicóptero.

Aquelas duas horas soltas no céu baiano, atravessando um corredor de vento, lembrariam a ele que o limite entre coragem e imprudência é mais fino do que parece. E que, por mais que a política costume pedir velocidade, o corpo — e o helicóptero — pedem outra coisa: Pouso. Terra firme.

E a consciência clara do risco que se correu uma vez, mas não se corre duas



A fuga de Feira no Novembro Azul

Entre discursos sobre infraestrutura, economia, gestão e segurança pública, poucos imaginariam que um dos momentos mais marcantes — e mais lembrados — da vida pública de José Ronaldo de Carvalho envolveria justamente um tema que muitos homens evitam: o exame de toque retal.

Foi durante um evento público, em plena campanha do Novembro Azul, que o então prefeito decidiu tratar o assunto com a seriedade que ele exige — e com o humor que só ele conseguiria sustentar diante de centenas de pessoas.

A plateia não esperava por isso

Era para ser apenas mais uma fala de conscientização, daquelas que lembram a necessidade de cuidar da saúde, fazer exames de rotina, superar tabus. Mas José Ronaldo resolveu dar o exemplo de forma literal.

Subiu ao palco, pegou o microfone e, sem rodeios, anunciou:

“Eu faço rigorosamente meu exame todos os anos.”
O público aprovou com aplausos tímidos.
Mas aí veio a parte que ninguém esperava.

“Só não faço em Feira de Santana.”

Risos. Muitos risos.
Ele continuou:

“Os médicos daqui... a grande maioria são meus amigos. Ou então são amigos de Fabinho. Eu não ficaria muito à vontade.”

Nesse momento, a plateia explodiu.
Homens gargalhando, mulheres rindo com aquela expressão de “não acredito que ele falou isso”.

E ele falou.

Falou sorrindo, sabendo exatamente o efeito que aquilo

causar
Entre o riso e a lição

O humor, porém, tinha um propósito. E ele o entregou no parágrafo seguinte, já retomando o tom mais firme, quase como quem aproveita a brecha para deixar a mensagem menos digerível:

"Brincadeiras à parte: façam o exame. Não deixem para depois. Isso salva vidas."

É a pedagogia política pelo constrangimento compartilhado. Se até o prefeito admite o próprio desconforto, o cidadão comum tem menos motivos para evitar o consultório. Salvador: o destino anual da prevenção

A anedota virou mais do que uma história engraçada. Tornou-se quase folclore — repetida em rádios, recontada em encontros, lembrada nos anos seguintes sempre que novembro se aproximava.

E, como toda boa história que atravessa a fronteira entre vida pública e privada, ela reforçou algo que José Ronaldo sempre defendeu: prevenção não é opcional.

"Em Salvador eu fico mais tranquilo", ele dizia, rindo.

Como se mudar de cidade resolvesse o desconforto universal masculino.

Mas, naquele caso, resolvia o suficiente.

O homem que politizou o tabu

A frase virou jargão entre aliados:

"Se até José Ronaldo faz, por que você não faz?"

E foi exatamente essa a mágica daquele momento: transformar um tema de constrangimento coletivo em algo conversável, risível, próximo — e, por isso mesmo, mais fácil de enfrentar.

Não houve obra, decreto ou grande anúncio naquele dia.

Só um prefeito falando de saúde masculina com franqueza rara.

E uma plateia que ria, mas saía dali pensando.

Às vezes, política pública começa assim:

com desconforto, com humor, e com um líder que sabe que, para ensinar algo difícil, é preciso antes quebrar o gelo — mesmo que seja o próprio.

KAIROS
DESDE 1987

O sabor da tradição

Cuidado, amor
e pão quentinho
para você, desde 1987.



**JOSÉ
RONALDO**

**FEIRA ESTÁ EM VOCÊ,
COMO VOCÊ ESTÁ EM FEIRA**



@SEGUE
TITO



Essa cidade é meu amor. E esse amor é minha vida!

A vida inteira de José Ronaldo de Carvalho em Feira de Santana — e a Feira inteira dentro dele

Na porta do gabinete no Paço Municipal Maria Quitéria, antes das 7h da manhã, já se escuta o som cadenciado dos passos de José Ronaldo de Carvalho atravessando o corredor. A rotina é a mesma há anos: chegar cedo, colocar o café para esfriar, abrir a agenda impressa e posta sobre a mesa, e, antes de qualquer despacho, dar uma olhada [ou escutada] no noticiário local. “A gente só governa uma cidade quando aprende a escutá-la”, costuma repetir. Em Feira de Santana, ele aprendeu. E nunca mais desaprendeu.

A frase que intitula esta reportagem — “Essa cidade é meu amor. E esse amor é minha vida!” — não nasceu em palanque. Não estava em discurso. Saiu numa conversa sem plateia, dita sem pressa, num intervalo de agenda, como quem fala de um afeto antigo e inquebrável. Para além dos cargos, dos votos e dos cinco mandatos, José Ronaldo se apresenta, antes de tudo, como um homem que escolheu Feira de Santana e, de algum modo, acredita que Feira também o escolheu.

Um homem que se fez na cidade que cresceu com ele. No mural da juventude, quando chegou à cidade para estudar e trabalhar, a Feira da época era mais lenta. Trechos de chão batido, o comércio pulsando ao redor do Mercado de Arte Popular, a tradição do vaqueiro dividindo espaço com o progresso que, aos poucos, dava sinais de chegada. José Ronaldo viu tudo isso, mas sem imaginar que viraria guardião dessa mesma transformação. O tempo tratou de lhe mostrar.

Formou-se, casou-se, teve filhos. E foi entrando, como quem não quer chamar atenção, na vida política do município. Primeiro vereador, depois deputado, até assumir o posto que marcaria definitivamente sua biografia: prefeito de Feira de Santana. Voltou ao cargo mais de uma vez. E depois de outra. E outra. E agora cumpre o quinto mandato, como uma espécie de patriarca de uma história que ele mesmo ajudou a escrever.

Seus críticos — e eles existem — dizem que José Ronaldo conhece Feira demais. Dizem que sabe quem é quem, quem mora onde, o que pensa a feira-livre e o que pensa quem passa diariamente pelo Centro de Abastecimento. Seus aliados dizem exatamente a mesma coisa, só que com orgulho. O que ninguém discorda é que poucas pessoas, vivas ou já idas, tenham observado tanto essa cidade quanto ele.

O ritmo da gestão e os silêncios do gabinete. Enquanto assessores circulam pelos corredores com pastas e mensagens urgentes, José Ronaldo mantém o hábito de escutar sem interromper. Responde com perguntas. Anota ao lado da agenda um comentário que só ele sabe decifrar. Aprende com o tempo, mas também com a rua. Não há pressa na forma como assina documentos. Há método. Há cálculo. Há, sobretudo, responsabilidade. Ele sabe, como repetem os mais próximos, que governar é uma forma de paternidade pública: exige tempo, cuidado e uma dose de teimosia.

A construção de um legado e o peso do tempo

Feira de Santana, com seus mais de 600 mil habitantes, cresceu ao ponto de ultrapassar a imagem de "cidade de passagem" e assumir-se como metrópole. Ao longo dos anos, José Ronaldo conduziu obras, ampliou serviços e enfrentou crises. Viu prefeitos chegarem, viu prefeitos irem embora, e continuou ali, sempre orbitando o centro gravitacional da política local.

O legado — palavra que ele evita — está inscrito na pavimentação de bairros inteiros, nos viadutos, nos túneis, nas escolas, nos postos de saúde, nos investimentos de infraestrutura, na relação minuciosa com o comércio. Mas também está no modo como circula pela cidade: cumprimenta, ouve histórias, recebe cobranças sem alterar o tom.

Ao mesmo tempo, carrega o peso que só os longevos entendem: o peso do tempo. Mesmo assim, ao ser perguntado se ainda há o que fazer, responde com um sorriso quase irônico: "Feira nunca termina."

O homem público e o homem da porta de casa

Nos raros momentos em que fala sobre si mesmo, emerge o José Ronaldo doméstico: o pai, o avô, o marido. Os jantares simples com a família, o hábito de ler antes de dormir, as memórias da juventude que teimam em sobreviver. A política,

essa companheira implacável, roubou-lhe fins de semana, aniversários e horas de descanso. Mas, para ele, não soa como perda.

"Quando a gente ama uma cidade, ela toma espaço dentro da gente", diz. E não há exagero na frase — apenas constatação.

Um amor que se traduz em obra e gesto

Para Feira, José Ronaldo é mais do que prefeito. É personagem. É presença. É símbolo — amado por uns, criticado por outros, respeitado quase por todos. Ele representa uma certa ideia de continuidade, uma certa memória viva que atravessa as décadas e se adapta sem perder a identidade.

Há quem diga que ele sabe cada rua da cidade de cor. Ele não confirma, mas também não nega. Sorri. E talvez o sorriso seja a resposta.

No fim, quando lhe pedem para definir essa relação, ele suspira fundo, como quem busca dentro do peito uma palavra que ainda não existe. Mas ela já existe — ele mesmo a pronunciou:

"Essa cidade é meu amor. E esse amor é minha vida!"

E, ouvindo assim, não parece slogan. É sinceridade.

José Ronaldo de Carvalho é um líder público que reúne sólida experiência política, capacidade administrativa e reconhecimento junto à população de Feira de Santana.

Como prefeito e gestor, destaca-se pelo perfil técnico, pela atenção às finanças públicas e pela condução responsável das políticas públicas, sempre com foco na eficiência da gestão municipal.

Como ser humano, é reconhecido pela simplicidade, pelo diálogo próximo com as pessoas e pelo respeito às relações construídas ao longo de sua trajetória pública.

“ José Ronaldo, o maior líder de Feira de Santana, responsável por conduzir o município a conquistas relevantes, ao desenvolvimento contínuo e à consolidação da cidade como um grande hub de negócios e oportunidades ”

Márcia Ferreira

Secretária de Trabalho, Turismo e
Desenvolvimento Econômico de
Feira de Santana / SETTD&C



A photograph of two men standing side-by-side. On the left is Zico, wearing a red and blue soccer jersey with a 'GMR' logo. On the right is José Ronaldo de Carvalho, wearing a white button-down shirt. They are both smiling and looking towards the camera. The background is dark and out of focus.

Encontro com **Zico** e o sonho de juventude realizado

Quando um prefeito veterano volta a ser menino diante do ídolo

Aos 74 anos, José Ronaldo de Carvalho sabe que algumas emoções não envelhecem. Podem até dormir, discretas, guardadas nos anos de vida pública, mas despertam de um salto quando a chance aparece. E, naquele 9 de outubro de 2025, o salto tinha nome, apelido e número: Zico, o “Galinho de Quintino”, camisa 10 de uma fé futebolística que atravessou décadas, famílias e cidades — inclusive a dele.

A notícia da visita chegou como chegam as notícias que mudam o humor do dia: de repente. Zico viria a Feira de Santana participar do “Jogo das Estrelas”, uma celebração

rubro-negra em plena Arena Cajueiro. No mesmo instante, o prefeito — cinco vezes prefeito — virou menino. Menino flamenguista da década de 1960, colecionador de recortes, narrador de rádio na imaginação, sonhador de Maracanã sem nunca ter ido ao Maracanã naquela época.

Mas havia um problema: a agenda. A agenda sempre existe. Naquele dia, estava cheia até as bordas. Eventos pela manhã, reuniões à tarde, compromissos à noite. E, para complicar o roteiro, uma viagem ao município de Maragogipe, 51 quilômetros e uma hora de distância — distância demais quando se tem pressa para encontrar um ídolo.

“O coração fica maior nessas horas”, diria depois, ainda

sorrindo ao lembrar da correria.

A ansiedade do adulto que reencontra o menino

Enquanto José Ronaldo cumpria agenda em Maragogipe, o relógio insistia em lembrá-lo de que Zico estava cada vez mais perto — e ele, cada vez mais longe. No rosto, mantinha a compostura de prefeito; por dentro, era torcedor em contagem regressiva. Os assessores, treinados para identificar sinais de urgência, viram ali um tipo de urgência diferente: não a do trânsito, nem a das obras, nem a das decisões administrativas. Era a urgência do fã.

Na Arena Cajueiro, o filho, Fabinho, e os netos já tinham garantido lugar. Mandavam fotos, mensagens, relatos ao vivo. “Ele chegou agora”, “está ali na lateral do campo”, “tira foto rápido, antes que ele vá para o camarim”.

Do lado de cá, em Maragogipe, José Ronaldo apertava o passo, como quem tenta aumentar a velocidade do próprio dia. Terminou o compromisso, agradeceu as autoridades, cumprimentou quem precisava cumprimentar, fez pose para a foto de praxe. E então, finalmente, pegou a estrada.

A estrada como antagonista

Era noite de dia útil. Rodovia cheia, luzes dos caminhões desenhando serpentes no escuro. Cada caminhão atravessado na pista parecia, àquela altura, um obstáculo pessoal entre o prefeito e o Galinho de Quintino. No carro, o telefone vibrava.

— Pai, venha! Ainda dá! — insistia Fabinho, com o otimismo de quem sabe que um sonho não pode terminar no acostamento da BR.

Do outro lado da linha, José Ronaldo tentava acreditar. Mas o trânsito, por vezes, é mais cruel que o destino.

O instante em que tudo se encaixa

Mas deu tempo. Deu, porque certos encontros têm uma pontualidade própria. Ao chegar à Arena Cajueiro, o prefeito misturou-se ao público com a naturalidade de quem não estava ali como autoridade, mas como devoto futebolístico. Zico ainda estava no local. Conversava, sorria, tirava fotos — embaixador da alegria dos anos 80, ainda brilhando sob os refletores.

Quando José Ronaldo finalmente se aproximou, os netos vibraram como se o Flamengo tivesse marcado um gol aos

48 do segundo tempo. Fabinho sorriu, satisfeito, como se fosse o responsável por um desfecho cinematográfico. E José Ronaldo, o prefeito que já inaugurou avenidas, escolas, viadutos e grandes obras, segurou o celular como quem segura um troféu.

A foto, claro, foi feita. O abraço também. E, naquele instante, um político experimentado, acostumado a receber homenagens, se viu dando a homenagem que mais queria dar: a da gratidão de torcedor.

O jogo, o café e o ídolo

Zico estava em Feira de Santana para o “Jogo das Estrelas”, um amistoso festivo entre a Seleção Zico 10 e o time Amigos do Café Zico. Rondinelli, Cláudio Adão, Andrade, Júnior Baiano — o elenco parecia escapado de um álbum de figurinhas guardado por décadas em alguma gaveta sentimental. Além do futebol, o evento marcou o lançamento de uma linha de café assinada pelo ex-craque, porque a vida adulta obriga os ídolos a diversificarem seus talentos.

Mas para José Ronaldo, pouco importava a razão comercial, esportiva ou simbólica da visita. Importava o momento. E naquele pedaço de tempo, condensado em alguns minutos e uma fotografia, o prefeito veterano reencontrou o flamenguista jovem que carregou de Salvador a Brasília, e de Brasília de volta a Feira.

O menino permanece

De volta ao gabinete, um dia depois em evento com estudantes da rede municipal, ele contou a história rindo — um riso solto, sem cálculo político. A foto com Zico está impressa, emoldurada, instalada com discrição afetiva, longe do protocolo e perto da lembrança.

“Tem coisas que a vida guarda para quando a gente já entende melhor o que elas significam”, disse.

Em outras palavras — sem palavras — José Ronaldo descobriu naquele 9 de outubro que os sonhos de juventude têm uma particularidade: não passam. Esperam. Esperam o tempo que for.

E quando chegam, lembram a todos nós — mesmo aos que governam cidades — que sempre existe um menino ali dentro, pronto para vibrar.

**NOSSA CIDADE
CRESCER COM VOCÊ.**

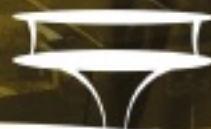
**NOSSA HISTÓRIA
SE FORTALECE
AO SEU LADO.**

Celebrar **40 anos** de dedicação, liderança e compromisso com o desenvolvimento de nossa cidade é reconhecer uma trajetória que inspira.

Trabalhar incansavelmente para transformar sonhos coletivos em conquistas reais e projetar o futuro, sempre pautado na ética e compromisso, é um legado de vida.

A Belvedere Construtora tem orgulho em homenagear o prefeito José Ronaldo de Carvalho, a sua história, seu compromisso e cada passo dado para construir um lugar melhor para todos nós.

Parabéns, Zé!



Belvedere
CONSTRUTORA

A trajetória de José Ronaldo de Carvalho fala por si. É um exemplo vivo para quem leva a política a sério. Por isso, tornou-se uma marca de trabalho e compromisso em tudo o que fez na vida pública. Mas ser prefeito de Feira de Santana é o que realmente move o seu coração.

Ele lidera o grupo que administra a cidade há mais de 25 anos, responsável pelo maior salto de crescimento da sua história. Agora, em seu quinto mandato, segue com o mesmo foco e a mesma garra, numa demonstração genuína de dedicação e amor à cidade.

Zé Ronaldo é um dos políticos mais longevos e consistentes do Brasil. Tenho orgulho de caminhar ao seu lado, aprender com sua experiência e contribuir para o futuro de Feira.

Parabéns, Zé Ronaldo! Sua história é um farol para toda a política baiana.

DEPUTADO FEDERAL
GABRIEL NUNES





RESPEITO: Nunca ofendeu ou xingou um adversário

O prefeito que transformou a moderação em método — e em poder

No Brasil onde debates políticos se tornaram arenas de gladiadores digitais, José Ronaldo de Carvalho mantém um hábito que parece, ao mesmo tempo, antigo e subversivo: ele não xinga. Não ofende. Não levanta a voz. Não chama adversário de inimigo. Não devolve provocação. Às vezes,

nem parece que ouviu a provocação.

A frase que repete — “Eu respeito o adversário” — poderia soar como aquelas declarações de manual de campanha, tão decoradas quanto slogans de campanha. Mas, no caso dele, não é pose. É método. É crença. E talvez até teimosia.

Aos 74 anos e no quinto mandato como prefeito de Feira de Santana, José Ronaldo tornou-se um caso incomum: um

político que sobreviveu a várias gerações de polarizações sem aderir a nenhuma.

“Eu sempre dou a lição de casa dele”, explicou certa vez, com o tom de quem entrega uma verdade simples.

A “lição de casa”, no caso, não é ataque pessoal. É cobrança pública: “Qual foi a promessa que ele fez? Qual foi a promessa que ele cumpriu?”

É assim que ele discute política — sem adjetivos, sem ofensas, mas com uma planilha imaginária que organiza a competitividade eleitoral como se fosse um boletim escolar.

O estilo que veio antes da internet — e resistiu a ela

Há quem diga que José Ronaldo é educado demais para o mundo político atual. Outros que é estrategista demais para cair na armadilha da agressão. E há ainda os que afirmam que o hábito vem de longe — dos tempos da padaria em Cícero Dantas, das conversas no café, das discussões em que se discordava com elegância porque todos ali sabiam que se encontrariam de novo no dia seguinte.

Em todo caso, ele parece ter sido criado politicamente numa época em que a reputação era transmissível por aperto de mão, e não por algoritmo.

Críticas, sim. Agressões, nunca.

Seus opositores, claro, não são poupados. Recebem críticas — muitas — nos pontos que ele considera essenciais. Mas, quando se trata de tocar no terreno pantanoso da agressão pessoal, José Ronaldo para. Não vai.

“Eu nunca dirijo a palavra de agressão ao meu adversário”, repete, como um mantra de autocontrole.

Os que convivem com ele garantem: não é personagem. Nem quando está irritado. Nem quando perde. Nem quando é provocado. A irritação existe, claro. Mas se dissolve em silêncio. No máximo, um levantar de sobrelance. Nunca em

palavrão.

Um estilo que virou identidade

No ambiente político baiano, esse jeito sem grito ficou conhecido. Analistas tentam explicar:

É perfil? É cálculo? É formação? É estratégia de governabilidade?

Talvez seja tudo isso. Ou talvez seja apenas um traço pessoal de alguém que construiu carreira acreditando que política tem mais a ver com articulação e menos com espuma.

Seus adversários, mesmo os mais ferrenhos, reconhecem que é difícil brigar com quem não briga de volta.

E, talvez por isso mesmo, José Ronaldo tenha se tornado um dos políticos mais longevos do estado — por insistir na contramão de um país que vocifera.

A moderação como força — ou como herança

O fato é que, no meio de um país que se acostumou à política de insultos, José Ronaldo preserva um estilo que parece ter vindo de outra era. E, paradoxalmente, é justamente esse estilo — clássico, calmo, anticlimático — que o mantém relevante por tanto tempo.

Ao fim de uma conversa recente, perguntado se nunca sentiu vontade de reagir a uma provocação mais dura, ele sorriu, quase como quem desmonta a própria caricatura:

“Vontade? Claro que tenho. Mas eu não faço.”

A frase poderia encerrar um manual de sobrevivência política. Ou uma biografia.

Mas, na boca dele, soa como a continuação de uma crença que atravessou cinquenta anos de vida pública:

Respeitar o adversário é uma forma de respeitar a cidade. E ele, como repetiu tantas vezes, tem amor demais pela cidade para fazer o contrário.

**Direção exige
visão de futuro
para chegar ao
destino.**

*Homenagem da
Autoescola Farol*



**Cidades fortes se constroem
com união, responsabilidade
e visão de futuro. Nossa
homenagem a quem fez da
gestão pública um
instrumento de
transformação.**

Tiago Dias
Prefeito de Santo Estêvão - Bahia



Celebrar a história de José Ronaldo é reconhecer uma trajetória construída com honestidade, coragem e um jeito único de cultivar amizades. Quem convive com ele sabe que sua presença traz confiança, sua palavra tem firmeza e seu cuidado com as pessoas revela o melhor de sua essência.

É admirável ver como sua história é marcada por gestos simples, mas sempre verdadeiros — aqueles que fortalecem vínculos e deixam marcas positivas por onde passa. Ter sua amizade é motivo de alegria e respeito.

Que Deus continue abençoando sua vida, renovando forças, protegendo sua saúde e guiando cada novo passo da sua caminhada. Que nunca faltem paz, serenidade e a luz que Ele já derrama sobre você e sua família.

Celebrar sua vida é celebrar o valor de um homem íntegro e de um amigo que faz diferença.



TOM
É MEU AMIGO

Paripiranga ou Feira de Santana?

O coração dividido de José Ronaldo — e a pergunta que sempre o faz engasgar

Há perguntas que viram armadilhas. Outras, revelações. Para José Ronaldo de Carvalho, 74 anos, existe uma que o desarma completamente:

Paripiranga ou Feira de Santana?

Qual das duas cidades habita mais fundo o coração do homem que virou referência política em Feira, mas que continua dizendo — sempre com voz trêmula — que nasceu em Paripiranga e que isso não se perde nem com cinco mandatos de prefeito.

Memórias que voltam como um filme antigo

Quando escuta o nome da cidade onde nasceu, José Ronaldo parece voltar no tempo, como se alguém rebobinasse uma fita VHS interna. Ele descreve com detalhes que só quem viveu guarda: o Colégio Francisco de Paula Abreu, o jogo de bola de gude na praça, o pião fazendo redemoinho no chão batido, o triângulo riscado na terra.

E lembra do Grêmio Social e Esportivo Vitória, o clube onde viu carnavais que, pela forma como conta, parecem ter sido mais intensos do que qualquer campanha eleitoral.

“Eu lembro com muita saudade”, diz — não como figura de linguagem, mas como quem realmente sente falta de algo que não volta.

Fala ainda da primeira bola de futebol que ganhou do irmão, como se ainda pudesse sentir o couro áspero nas mãos. E das eleições para deputado, em que Paripiranga lhe deu votos, apoio e sentido de identidade.

Ali estão enterrados seus pais. Ali vivem seus irmãos. Ali, lembra ele, “meu umbigo foi enterrado”, expressão que só usam os que carregam um pedaço de chão dentro de si.

A segunda cidade — ou a segunda vida

Mas a mesma emoção que Paripiranga desperta, Feira de Santana devolve em dobro. A diferença é que, ao falar de Feira, a voz de José Ronaldo falha. Sempre. É quase um ritual.



Feira de Santana é o lugar onde ele chegou jovem, sozinho, com pouca coisa além de vontade de trabalhar.

"Cheguei aqui um dia. No outro dia eu fui trabalhar. Pagava minha pensãozinha."

É uma narrativa típica de quem construiu a vida na marra — mas dita com tal simplicidade que parece quase banal. Não é. Ali ele conseguiu emprego. Ali casou. Ali formou família. Ali virou homem público. E, como ele mesmo diz, ali "me fez homem".

A gratidão aparece em camadas. Primeiro, a prática: o trabalho, a vida, o cotidiano. Depois, a simbólica: o reconhecimento, o espaço, a confiança de uma cidade que o elegeu, reelegeu, re-re-elegeu.

E por fim, a mais profunda: a sensação de pertencimento.

Quando fala de Feira, os olhos enchem d'água mesmo que ele tente disfarçar.

"Sou-lhe grato, grato, grato", repete — com a insistência de quem tenta dar conta de algo que não cabe na frase.

O impossível de escolher

A pergunta, então, não tem resposta. E talvez nem devesse ter. José Ronaldo parece saber que amar duas cidades não é contradição, é curva natural da vida. Paripiranga é a origem, o chão, a memória. Feira de Santana é o destino, a obra, o legado.

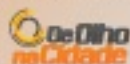
Se Paripiranga deu a ele o menino, Feira deu o homem. E ambos continuam vivendo ali dentro, lado a lado — um com bola de gude na mão, outro assinando ordens de serviço.

Quando finalmente responde, se é que responde, a voz baixa e embargada revela mais do que qualquer escolha:

"Tenho tudo isso dentro do meu coração."

E é o suficiente. Porque, para alguns, o coração não é dividido — é ampliado.

Grupo JB: A base sólida para um cidadão bem informado.



"O grupo JB, através dos programas de rádio **De Olho na Cidade**, **Jornal do Meio Dia**, **Cidade em Pauta** e portal de notícias **deolhonacidade.net**, se dedica a ser a sua fonte confiável de notícias, te atualizando diariamente, sobre Feira de Santana e Região."

**Jorge
Blancchi**
Diretor do
Grupo JB



Mais de meio século de vida pública

O homem que atravessou cinco décadas de política sem perder o fôlego — nem o sotaque

Há uma pergunta que acompanha José Ronaldo de Carvalho como um eco inevitável sempre que ele conversa com jornalistas ou senta para dar entrevistas longas: o que ainda falta fazer?

Em qualquer outro político, a pergunta soaria como formalidade. No caso dele, é quase provocação. Afinal, como se interroga alguém com cinquenta anos de vida pública, deputado estadual, deputado federal, provedor da Santa Casa, cinco vezes prefeito de Feira de Santana, administrador, e sobrevivente de todas as mudanças que o país inventou desde os anos 70?

A resposta, no entanto, não vem com tom de grandeza. Não vem com frases épicas. Vem com a simplicidade de sempre — o que, na biografia dele, vira um estilo literário involuntário.

“Sempre posso contribuir mais. Política é trabalho contínuo”, diz, como quem fala do dever de casa.

O começo: o menino que veio estudar e ficou para sempre

Nascido em Paripiranga em 1951, filho de Maria Rosalina e Joaquim Antônio de Carvalho, José Ronaldo chegou a Feira de Santana ainda nos anos 60 com a história parecida com a de tantos nordestinos: veio estudar e trabalhar.

Trabalhou onde havia trabalho: Surfeira, Cia de Pneus Tropical (a futura Pirelli), Cedic, Hospital Dom Pedro de Alcântara, Secretaria Estadual de Educação. Aos poucos, construiu uma vida — e, quase sem perceber, construiu também uma cidade para si.

Fez universidade, formou-se administrador de empresas, virou servidor. Casou, teve três filhos. Criou raízes que ele mesmo diz que não planejou. Simplesmente aconteceram.

O primeiro passo — e o salto

Em 1976, disputou pela primeira vez a eleição para vereador. Não ganhou, mas ficou perto — primeiro suplente. Voltou seis anos depois. Ganhou. E daí em diante começou uma carreira que parece escrita com régua e compasso.

Deputado estadual em 1986. Reeleito em 1990. Reeleito em 1994. Liderou o PFL na Assembleia, representou o governador Paulo Souto, virou figura permanente na política baiana.

Em 1998, um salto: terceiro mais votado para deputado federal, com 149.640 votos. Brasília o recebeu — mas não o seduziu. Dois anos depois, voltou para disputar a prefeitura de Feira. Venceu. E não era um mandato qualquer.

Os cinco mandatos — e o projeto contínuo

Cinco vezes prefeito. Número que, para alguns, parece exagero; para outros, parece destino. Para ele, é continuidade. Um projeto que atravessa décadas, aliados, partidos, conjunturas e modas políticas.

Feira de Santana atravessou com ele mudanças que dariam um livro de urbanismo, outro de sociologia e outro de marketing político: expansão urbana, chegada de grandes empreendimentos, explosão populacional, reorganização administrativa, criação de programas sociais, modernização da saúde, e uma relação com o centro comercial que virou quase tese de doutorado.

José Ronaldo narra tudo com a precisão quase técnica de quem sabe o nome da rua e da obra, mas também com o afeto

de quem sabe quem morava ali antes da obra existir.

A derrota que ensina — e o retorno que surpreende

Candidato ao governo da Bahia em 2018, entrou como principal nome da oposição. Perdeu. E, pela primeira vez em muitos anos, ficou sem mandato.

Para analistas, era o fim. Para ele, era intervalo.

Voltou em 2024 com a força de quem nunca foi embora. Ganhou no primeiro turno, mais uma vez. Foi a quinta vitória para o cargo que, segundo ele, é o que mais exige, mais cansa e mais compensa.

O que falta fazer?

A pergunta volta — sempre volta.

E ele responde sem retórica, quase como quem fala consigo mesmo:

“Política é serviço. Enquanto houver algo a ser feito, eu continuo.”

Talvez esse seja o segredo de atravessar meio século de vida pública: não transformar a própria história em monumento.

Enquanto alguns se veem como estadistas, ele se vê como trabalhador. Enquanto outros colecionam feitos, ele coleciona compromissos.

E enquanto muitos buscam uma frase para construir legado, ele repete a mesma, há décadas — e não parece cansar:

“Eu ainda posso contribuir.”

Para um homem com cinquenta anos de vida pública, é quase uma declaração de juventude. Para Feira de Santana, é aviso de continuidade.

E, para quem acompanha a política baiana, é o sinal claro de que José Ronaldo ainda não encerrou o capítulo — só virou a página.



O Pedreiro da Memória

No centro antigo de Feira de Santana, onde o asfalto tenta esconder os rastros do tempo e o comércio se estende como quem empurra o passado para as laterais das calçadas, existe uma casa que insiste em sobreviver. O Casarão Fróes da Motta, com seus 120 anos de existência teimosa, é hoje menos um imóvel do que uma pergunta: quem decide o que permanece?

Na versão de José Ronaldo de Carvalho — então deputado federal, hoje prefeito e, sobretudo, contador de histórias da própria biografia política — o Casarão estaria destinado ao “apagamento natural” se não houvesse, no meio do caminho, uma combinação de convicção e teimosia. É ele mesmo quem garante:

“Quando vi o estado do Casarão pela primeira vez, me impressionou a sensação de que estávamos perdendo algo

que nem sabíamos mais nomear. Não era só um prédio antigo. Era memória pura, emparedada.”

O diagnóstico não veio acompanhado de poesia na época, mas sim de urgência burocrática: sem apoio político, recursos e um empurrão institucional, o Casarão seria apenas mais uma demolição silenciosa. José Ronaldo conta que, diante da ameaça, iniciou um movimento de bastidores para fazer o prédio atravessar o século.

Foi ele quem articulou a reunião que mudaria o destino do imóvel. Conduziu Carlos Brito, Péricles Marques e Raimundo Araújo, da Fundação Senhor dos Passos, aos gabinetes de Brasília. Mais precisamente, ao gabinete do então presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães.

"Naquela época, você precisava levar a história pela mão até onde estivesse o poder. Não dava para esperar que alguém viesse por iniciativa própria. E eu sabia que, se ACM entendesse o valor do Casarão, ele ajudaria."

A audiência, segundo ele, não teve o tom épico das narrativas políticas tradicionais. Foi direta: José Ronaldo pediu apoio para que a Eletrobras liberasse recursos destinados à restauração do imóvel. ACM ouviu, ponderou e, de forma pragmática, concordou.

"ACM olhou a proposta, escutou o que apresentamos e disse: 'Isso merece ser preservado'. Quando ele dizia isso, o resto caminhava."

Caminhou. E o Casarão Fróes da Motta, que poderia ter sido apenas um endereço esquecido, entrou na rota da reconstrução. As paredes foram recuperadas, as madeiras resgatadas, e o velho imóvel ganhou novo fôlego — não como peça de museu, mas como testemunho de escolhas

políticas.

Hoje, José Ronaldo observa o prédio como quem revisita uma vitória pessoal, mas evita transformar o episódio em autopromoção.

"A Fundação Senhor dos Passos teve o mérito maior. Foram eles que viram futuro ali. Eu só ajudei a abrir a porta certa."

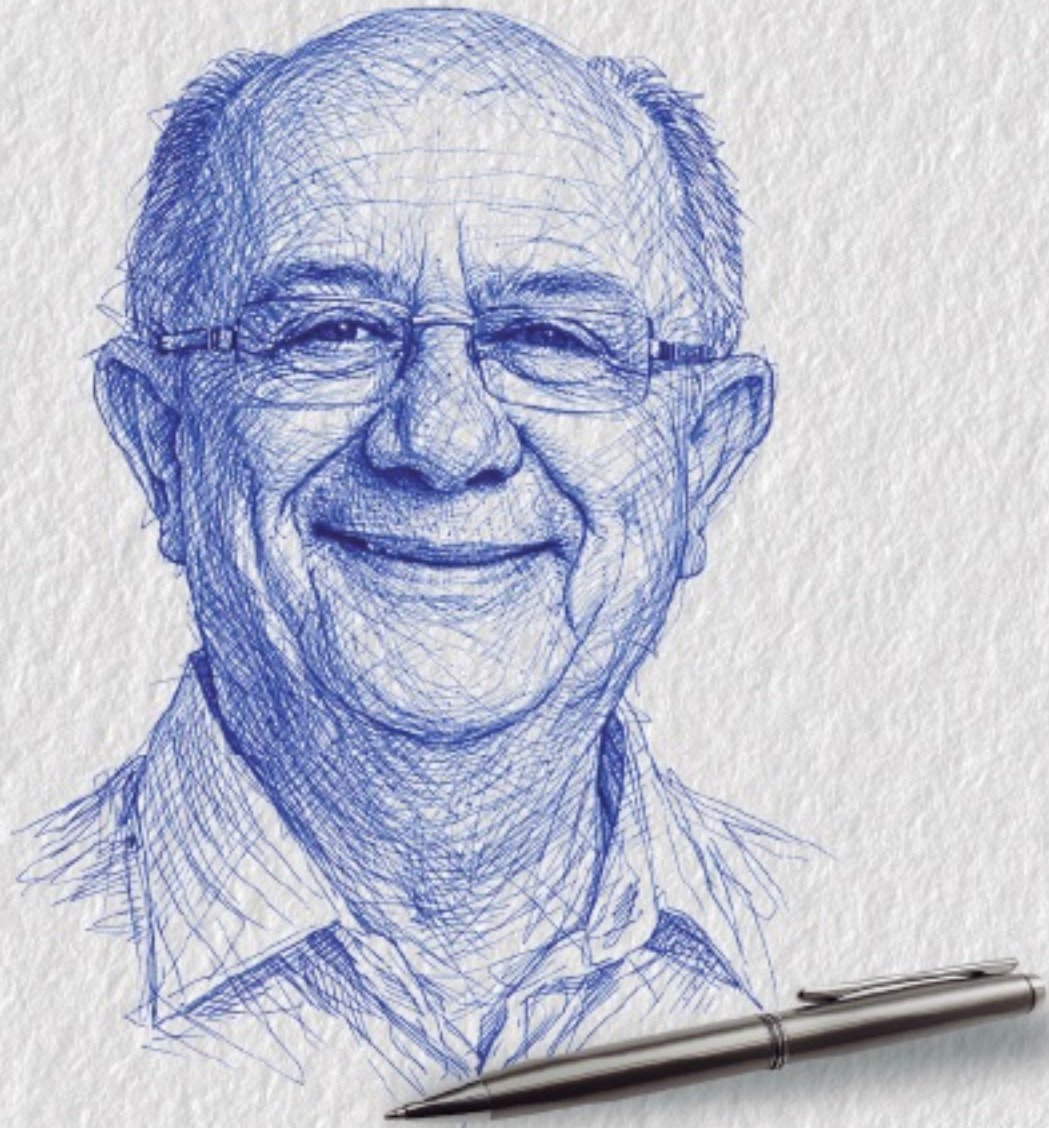
Ainda assim, há uma camada de simbolismo difícil de ignorar: o Casarão é o único imóvel residencial preservado de Feira de Santana. Em uma cidade marcada pela pressa, pelo comércio e pela lógica de substituição constante, essa singularidade ganha força de metáfora.

Os 120 anos do Casarão não pesam: sustentam. E revelam que sua permanência não foi obra do acaso, mas de um tipo particular de decisão política — aquela que escolhe não apenas governar o presente, mas intervir no passado para redesenhar o futuro.

Cidades fortes se constroem com união, responsabilidade e visão de futuro. Nossa homenagem a quem fez da gestão pública um instrumento de transformação.

Tiago Dias
Prefeito de Santo Estêvão - Bahia





JUNTOS NA TRADIÇÃO EM TER BOM GOSTO POR FEIRA!

Assim como cada receita dos Biscoitos Itália é feita com dedicação e cuidado, o trabalho do prefeito José Ronaldo também é construído dia após dia, com seriedade, visão e bom gosto por Feira de Santana. Por isso, reconhecemos e valorizamos o amor, a responsabilidade e o empenho de José Ronaldo em fazer nossa cidade avançar, se desenvolver e prosperar do jeito que o povo feirense merece.

biscoitos
ITALIA

@biscoitositalia



Encontro entre o político e o devoto; presente marcante de um aliado fiel

A primeira vez que José Ronaldo de Carvalho esteve em Feira de Santana, ainda menino, não foi por cálculo político, nem por agenda pública. Foi por devoção. Veio para a Festa de Senhora Santana, padroeira da cidade, atraído menos pela feira do que pelo rito, menos pelo movimento do que pela promessa silenciosa que toda fé carrega.

Décadas depois, a cena se inverteu. Já não era o visitante anônimo entre barracas e procissões, mas o prefeito — pela terceira vez —, figura conhecida, rosto familiar, biografia entranhada na paisagem urbana. Era 26 de julho de 2013, dia de Senhora Santana. Naquele instante, porém, a liturgia oficial deu lugar a algo mais íntimo.

José Ronaldo recebeu das mãos de Risomário Lobo, o filho do coração, e de sua esposa, Juliana Lacerda, uma imagem rara da padroeira. Não era apenas um objeto sacro. Era um gesto carregado de memória, afeto e reconhecimento. Um agradecimento público, mas profundamente pessoal, por uma vida inteira dedicada à cidade que, como ele próprio costuma dizer, lhe deu régua e compasso — a medida e o rumo — para sua trajetória como homem público.

A primeira vez que José Ronaldo de Carvalho esteve em Feira de Santana, ainda menino, não foi por cálculo político, nem por agenda pública. Foi por devoção. Veio para a Festa de Senhora Santana, padroeira da cidade, atraído menos pela feira do que pelo rito, menos pelo movimento do que pela promessa silenciosa que toda fé carrega.

Décadas depois, a cena se inverteu. Já não era o visitante anônimo entre barracas e procissões, mas o prefeito — pela terceira vez —, figura conhecida, rosto familiar, biografia entranhada na paisagem urbana. Era 26 de julho de 2013, dia de Senhora Santana. Naquele instante, porém, a liturgia oficial deu lugar a algo mais íntimo.

José Ronaldo recebeu das mãos de Risomário Lobo, o filho do coração, e de sua esposa, Juliana Lacerda, uma imagem rara da padroeira. Não era apenas um objeto sacro. Era um gesto carregado de memória, afeto e reconhecimento. Um agradecimento público, mas profundamente pessoal, por uma vida inteira dedicada à cidade que, como ele próprio costuma dizer, lhe deu régua e compasso — a medida e o rumo — para sua trajetória como homem público.

QUANDO O TRABALHO É BEM FEITO

PREFEITO ELEITO 5 VEZES

A história de **Zé Ronaldo** se mistura com a história de **Feira de Santana**. Ele está presente nas lembranças, nos caminhos e nas transformações da cidade, construídas ao longo do tempo com dedicação, responsabilidade e respeito.



agência
PROPAGANDA

2026 não será decidido na improvisação.

Quando o assunto é eleição, a diferença entre disputar e competir está na estratégia.

Leia o QR Code e assista ao clipe das últimas campanhas.



EXPERIÊNCIA EM CAMPANHAS MAJORITÁRIAS

Eleições 2016

- **Carlos Matos** – Riachão do Jacuípe
- **Gilmar Nogueira** (Tingão) – Itatim
- **Carlos Germano** – São Gonçalo dos Campos

Eleições 2020

- **Carlos Matos** – Riachão do Jacuípe
- **Lu de Gel** – Antônio Cardoso
- **Eliana** – Cachoeira
- **Daiane dos Anjos** – Itatim

Eleições 2024

- **Eliana** – Cachoeira
- **Daiane** – Itatim
- **Nássara** – Ipirá
- **Franklin** – Serra Preta
- **Vitor do Posto** – Santanópolis
- **Anísio Madeiro** – Conde
- **Itácia Andrade** – Monte Santo
- **Tarcísio de Milton** – Ouriçangas
- **Jau Ribeiro** – Iaçara

Thiago Pitombo - 75 9 8864.2354

Estratégia e Planejamento Político
Campanhas eleitorais | Dados | Coordenação | Comunicação

A MEDICINA UNIFAN ESTÁ PREPARADA PARA FORMAR OS MELHORES MÉDICOS DA BAHIA

A Medicina UNIFAN se consolida como uma das **formações médicas mais completas da Bahia** ao integrar excelência acadêmica, inovação e compromisso com a saúde por meio de uma estrutura única: uma rede própria composta por **5 hospitais** e **clínicas-escola**, que garantem vivências práticas contínuas e qualificadas desde os primeiros períodos do curso. Essa integração direta entre teoria e prática permite ao estudante desenvolver **competências clínicas com segurança**, responsabilidade e profunda compreensão da realidade da saúde.



Mais do que ensinar Medicina, a UNIFAN forma médicos preparados para transformar realidades. **A experiência em hospitais próprios, aliada a laboratórios modernos, bibliotecas especializadas, incentivo à pesquisa, projetos de extensão e estágios amplos**, constrói uma formação completa, ética e sensível às pessoas, reafirmando o seu compromisso com a **formação dos melhores médicos da Bahia**, prontos para atuar com excelência, humanidade e impacto social.



Com um projeto pedagógico sólido e centrado no estudante, a Medicina UNIFAN alia **conhecimento científico, prática clínica supervisionada e formação humanizada**. O corpo docente é formado por **médicos, mestres e doutores** com forte atuação acadêmica e profissional, que acompanham de perto a **trajetória dos alunos**, estimulando pensamento crítico, ética, empatia e tomada de decisão responsável.



Vaia ao site



 unifan.net.br

 0800 721 0162



**MEDICINA
UNIFAN**

José Ronaldo:

HISTÓRIA, DEDICAÇÃO E AMOR POR
FEIRA DE SANTANA

A **Gujão Alimentos**
reforça e agradece
por uma trajetória
de mais de **40 anos**
de dedicação.

